



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE ARTES - CEART
LICENCIATURA EM MÚSICA - DMU**

Rafael Menotti Mazini

**PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO MUSICAL:
UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

RAFAEL MENOTTI MAZINI

**PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO MUSICAL:
UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música

Orientadora: Professora Doutora Vânia Beatriz Müller

FLORIANÓPOLIS

2022

RAFAEL MENOTTI MAZINI

**PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO MUSICAL:
UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música

Orientadora: Professora Doutora Vânia Beatriz Müller

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Vânia Beatriz Müller (Orientadora)

Udesc

Professora Doutora Danielle Antunes (Membra)

Unioeste

Professora Mestra Karine Larissa Ströher (Membra)

Professora Mestra Cecília Marcon Pinheiro Machado (Suplente)

Udesc

Floriópolis, 22 de fevereiro de 2022.

Dedico este trabalho a minha mãe, ao meu pai e minha irmã que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Entre conseguir entrar na Udesc e chegar ao final da graduação foram nove anos envolvidos (quatro de vestibulares e cinco de curso), assim, antes de agradecer nominalmente a qualquer pessoa, quero agradecer a cada alma que, de alguma maneira, compartilhou sua existência comigo nesses anos todos e me auxiliaram a chegar até aqui. Agora, segue os agradecimentos nominiais.

Quero agradecer aos meus antepassados maternos: ao meu bisavô Angelim (*in memoriam*) que foi uma figura presente em minha infância e a quem devo o ensinamento sobre ser um ancião jovem, a minha bisavó Antônia (*in memoriam*), que não conheci em vida, mas que sempre permeou a atmosfera familiar como uma mulher sábia, firme e doce, a minha avó Irene, a mulher mais resoluta que conheço, que mostrou na prática como se reerguer incontáveis vezes na vida, ao meu avô Oswaldo, a quem nunca tive nenhuma proximidade, mas que sem a sua existência eu não estaria aqui.

Aos meus antepassados paternos, meu avô Manoel (*in memoriam*) outra figura em minha vida de um ancião jovem e sábio, ser humano extremamente lúcido e que a sua maneira, demonstrou o afeto e carinho às pessoas que estavam em sua vida, minha avó Alice (*in memoriam*), que possui uma ternura impar, mas sempre manteve em seu semblante uma firmeza e austeridade, cuidou e se doou o máximo que pode, sendo cuidada e amparada quando aproximou o término de seu ciclo de vida.

Agradeço a minha mãe Márcia Cristina de Souza Menotti, quem me ensinou a sempre observar e sentir as pessoas a minha volta e a mim mesmo. Ela me incentivou a me expressar fosse por meio da pintura, escrita, do desenho, ou da música, fosse como fosse, a arte sempre esteve presente. Em sua sabedoria energética e espiritual me cuidou, me amparou e me mostrou o caminho. Pelo seu amor, muito obrigado.

Agradeço ao meu pai Paulo Eduardo Mazini, quem sempre me incentivou a aprender música, a estar constantemente tocando e principalmente, a me profissionalizar no universo musical. Sempre esteve presente me auxiliando e me encorajando a continuar o meu percurso, foi e é, um exemplo de bondade e compaixão com o próximo. Pelo seu amor, sou muito grato.

A minha irmã Nathália Menotti Mazini, a quem eu amo com todas as minhas forças e admiro de todo o coração, em minha infância ela leu gibis e livros para mim, brincou comigo, me ensinou a andar de bicicleta sem rodinhas e ao longo de minha adolescência, juventude e ‘adulthood’ sempre esteve debatendo e discutindo ideias, sentimentos e planos. Pelo seu carinho e pela sua amizade, eu te agradeço.

Aos meus amigos e amigas sem os quais o apoio eu não teria conseguido entrar e/ou finalizar a graduação. Em especial ao meu cunhado Fabio Vaccaro, por tanto acolhimento e ensinamentos, a Monique Burigo Marin, por todos os longos anos que nos conhecemos e compartilhamos, a Isadora Medeiros da Costa Pereira, pelo companheirismo e pela partilha de tanto e tantas coisas.

Um agradecimento especial ao Carlos Lamarque, que há nove anos vem sendo meu professor de baixo elétrico. Foi ele quem me incentivou e instigou a fazer a graduação na Udesc e me deu subsídios e ferramentas para me expressar musicalmente e conseguir caminhar com as minhas próprias pernas, assim, de professor se tornou amigo. Agradeço ao Leandro Fortes, que mesmo não me conhecendo, me acolheu emocionalmente em 2013 quando me mudei para Florianópolis. Agradeço aos laços de amizade que criei por intermédio dos dois, amizades como as do Caio Domingues, Thiago Guedes, Caetano Copat e Matheus Prado.

Agradeço as trocas e aprendizados que tive com as professoras e os professores do DMU, Alicia Cupani, Allan Falqueiro, Bruno Madeira, Camila Zanatta, Cassiano Barros, Eduardo Vidili, Flora Holderbaum, Lourdes Saraiva, Luigi Irlandini, Luiz Fiaminghi, Maira Kandler, Marcos Holler, Rodrigo Velho, Sandra Cunha, Teresa Mateiro, Thaís Nicolau, Valéria Bittar e Viviane Beineke. Agradecimentos especiais aos docentes que tive um maior contato, Sergio Freitas que me acompanhou desde 2013, estando na banca de todos os vestibulares que fiz, a Cristina Emboaba que sempre manteve a porta aberta para acolher as minhas dificuldades, fossem em sala de aula ou fora dela, a Vânia Müller que me orientou nesse trabalho de uma forma extremamente dedicada e atenciosa, que sempre esteve atenta aos meus estados emocionais e quem me apresentou aos estudos da produção de subjetividades.

As membras da banca, professora Danielle Antunes, que mesmo não me conhecendo aceitou o convite para compor a banca e a professora Cecília Machado, que também sem me conhecer direito aceitou o convite para a banca. As duas, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço às e aos colegas de curso, sejam veteranas(os) ou calouras(os). A arte, a música e a amizade de vocês fizeram do DMU um lugar mais amoroso e a graduação mais suportável. Em especial as relações que se tornaram mais profundas com David Toledo, Francisco Lima, Gabriela Dequech, Guilherme Espíndola, João Peters, Karize Rizzoto, Larissa Novo, Maite Fontalva, Matheus Ferreira, Matheus Laurentino, Rafael Nogueira, Vinicius Manhães, Vinicius Pereira e a Karine Ströher que além de amiga também aceitou o meu convite para fazer parte da banca.

Agradeço a turma de 2018 do curso de Artes Cênicas da Udesc, turma que me acolheu e me aceitou durante dois anos nas disciplinas de Voz. Agradeço também a professora da

disciplina Barbara Biscaro, que em sua condução de aulas me levou a um profundo autoconhecimento e processo de singularização. Que em sua sensibilidade conseguiu indicar o início do caminhar que me levou ao tema desse TCC.

Gostaria de agradecer a todas e todos as(os) trabalhadoras(es) que possibilitam diariamente o funcionamento da Udesc. Todas(os) as(os) técnicas(os), terceirizadas(os) da limpeza e da vigilância, jardineiras(os) e tantas outras funções que me passam despercebidas ou que fogem do meu conhecimento, sem vocês a universidade não funcionaria.

Agradeço imensamente ao King, esse cachorro parceiro que esteve deitado do meu lado em todas as longas horas de escrita desse trabalho, a Persephone, que é a gatinha mais sábia e comunicativa que conheço, a Lisbela, gatinha profundamente dengosa e ao gato mais carinhoso do mundo, Perninha. Sem o amor desses animais o caminhar seria mais difícil.

Por fim, agradeço ao universo que em sua bondade possibilitou que duas almas pudessem se reencontrar. Marcela Reinhardt de Souza, vulgo Bichinho Ternura, sua energia faz com que cresça em mim amor, carinho, respeito, compreensão, sensualidade, doação e parceria. Pelo nosso caminhar, por me acolher na sua família de cães e gatos, pelo nosso cuidado um com o outro e pela aceitação mútua que temos, eu lhe agradeço.

RESUMO

O trabalho objetiva identificar as publicações brasileiras de artigos científicos sobre o tema da produção de subjetividades na Educação Musical e assim, conhecer o ponto que se encontra esse estudo. Para isso, utilizou-se da metodologia de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e exploratória. Foi realizado o levantamento na Revista da ABEM, na Revista OPUS e nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, Scielo Educ@, Scielo e DOAJ. A partir do levantamento foi realizada uma análise dos artigos selecionados e foram identificadas as referências recorrentes e os conceitos evidentes dos artigos. A fundamentação teórica do trabalho aborda estudos da produção de subjetividades, da Educação e da Educação Musical. O trabalho apresenta reflexões e apontamentos a partir do referencial teórico e do material levantado sobre a produção de subjetividades na Educação Musical. Também traz comentários sobre os conceitos de territorialização, desterritorialização e rizoma, relacionando-os às práticas da Educação Musical. Foi possível compreender que existe uma convergência em críticas de autores e autoras ao apontarem uma massificação e homogeneização dos modos de produção de subjetividades. E também considerar que o estudo da produção de subjetividades e dos conceitos de territorialização, desterritorialização e rizoma possibilitam conceber uma Educação Musical que subverta a produção de subjetividades massificadas, assim, apresenta ideias e questionamentos sobre a formação das(os) professoras(es) de música e as práticas pedagógico musical. Por fim, observa-se a necessidade de futuras pesquisas com abordagens práticas sobre a produção de subjetividades em uma Educação Musical.

Palavras-chave: Produção de subjetividades; Subjetivação; Educação Musical; Ensino de música.

ABSTRACT

The work aims to identify the Brazilian publications of scientific articles on the subject of production of subjectivities in Music Education and thus, to know the point of this study. For this, we used the methodology of bibliographic research, with a qualitative and exploratory approach. The survey was carried out in the Revista da ABEM, Revista OPUS and in the databases Portal de Periódicos da Capes, Scielo Educ@, Scielo and DOAJ. Based on the survey, an analysis of the selected articles was carried out and the recurring references and evident concepts of the articles were identified. The theoretical foundation of the work addresses studies of the production of subjectivities, Education and Music Education. The work presents reflections and notes from the theoretical framework and the material raised on the production of subjectivities in Music Education. It also brings comments on the concepts of territorialization, deterritorialization and rhizome, relating them to the practices of Music Education. It was possible to understand that there is a convergence in the criticisms of authors when pointing to a massification and homogenization of the modes of production of subjectivities. And also to consider that the study of the production of subjectivities and the concepts of territorialization, deterritorialization and rhizome make it possible to conceive a Music Education that subverts the production of mass subjectivities, thus, it presents ideas and questions about the training of teachers of music and musical pedagogical practices. Finally, there is a need for future research with practical approaches on the production of subjectivities in Music Education.

Keywords: Production of subjectivities; Subjectivation; Musical education; Music teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estratégias de Busca.....	16
Quadro 2 - Artigos selecionados.....	18
Quadro 3 - Recorrência de autoras(es).....	20
Quadro 4 - Conceitos encontrados.....	21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados de buscas	17
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
1.1 Levantamento e análise de dados	15
1.2 Referências Recorrentes	19
1.3 Conceitos Evidenciados	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 Da Produção de subjetividades e Educação.....	22
2.2 Indicativos da subjetividade para Educação Musical	25
3 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO MUSICAL.....	28
3.1 Des/territorialização: conjecturas em Práticas Pedagógico Musicais.....	30
3.2 Rizoma: breve comentário	33
CONSIDERAÇÕES.....	36
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE 1 – ARTIGOS LEVANTADOS	43
APÊNDICE 2 – PRIMEIRA FILTRAGEM.....	54

INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa parte inicialmente da minha experiência enquanto graduando de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), onde eu tive a possibilidade de interagir, conhecer e/ou integrar como ouvinte de diferentes disciplinas de outros cursos do Centro de Artes da Udesc (Ceart), mais especificamente as disciplinas de Voz I, II, III e IV ministradas pela professora Barbara Biscaro no curso de Artes Cênicas. Durante a minha vivência nessas aulas me deparei com dificuldades de cunho pessoal, que estavam para além de uma possível defasagem técnica, o que resultou em reflexões, ações e desenvolvimentos mais amplos do meu ser. Ao ponderar e questionar sobre as transformações psicoemocionais que ocorreram comigo durante as aulas, fui introduzido pela professora Vânia Müller aos estudos da produção de subjetividades e seus respaldos teóricos que possibilitaram nomear essas transformações.

O capítulo da fundamentação teórica deste trabalho apresenta uma discussão sobre a produção de subjetividades. Porém, para que você leitor(a) possa acompanhar as etapas deste trabalho trago aqui uma breve síntese do que pode ser considerada a produção de subjetividades. O estudo da produção de subjetividades busca compreender como a subjetividade é afetada pelos múltiplos ambientes concreto e imateriais pelos quais estamos inseridos. Com isso, comecei a questionar como a produção de subjetividades no processo educacional pode alterar e modificar os contextos, lugares e as pessoas. Isso levou o meu olhar para o sistema educacional, afinal, ele é um dos primeiros ambientes em que uma criança se apresenta fora de casa e onde passará boa parte da sua infância e adolescência, assim, temos a escola desempenhando um papel fundamental para o desenvolvimento das estruturas psicológicas e do desenvolvimento integral dos indivíduos (SILVEIRA; MARTINS; BURITY, 2019).

Uma vez que as vivências musicais, tal qual o ensino musical, possibilitam uma variedade de interações e relações com diversos níveis de profundidade (SMALL, 1999), fui investigar quais estudos podem ser encontrados sobre a produção de subjetividades na Educação Musical e, assim, identificar em que ponto se encontra essa área de pesquisa.

Como esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica, trago no primeiro capítulo os procedimentos metodológicos, onde estão descritas as características dessa pesquisa, as etapas percorridas, que passam pelo levantamento de dados, e as análises dos resultados.

No segundo capítulo apresento a fundamentação teórica dessa pesquisa. Ali encontram-se autoras e autores de diferentes campos e áreas de conhecimento que abordam o estudo da produção de subjetividades, da Educação e da Educação Musical.

Para o terceiro capítulo trago reflexões e apontamentos a partir do referencial teórico e do material levantado pela pesquisa bibliográfica sobre a produção de subjetividades na Educação Musical e comento sobre alguns dos conceitos da produção de subjetividades encontrados nas análises dos materiais.

Nas considerações apresento alguns dos entendimentos que essa pesquisa trouxe a respeito da temática da produção de subjetividades na Educação Musical, assim como ideias e questionamentos sobre a formação das(os) professoras(es) de música e as práticas pedagógico musical.

Vale alertar para você, leitor(a), que para esse trabalho foi feita uma escolha quanto ao exercício de escrita, busquei, sempre que possível e necessário, não me utilizar da primeira pessoa do plural, mas sim da primeira pessoa do singular. Essa escolha foi feita como uma pequena forma (ainda que bem singela) de contravenção, sendo que partiu de uma reflexão sobre o resquício de uma constante imposição de impessoalidade nas pesquisas, que podem indicar uma tentativa de fuga do fato de existir um indivíduo por detrás de uma escrita, ou de uma pesquisa. Um resquício de um ‘não sujeito’. Esses questionamentos surgem a partir das reuniões de orientações com a professora Vânia, onde ela sempre incentivou e estimulou que eu buscasse a minha singularidade. Dessa forma, optar por uma escrita na primeira pessoa do singular, também dialoga diretamente com a própria pesquisa e concepção deste trabalho, já que seguir pelo exercício dessa escrita, perpassa também pela minha formação e pela construção de uma escrita singularizada.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica utilizada para este trabalho foi de pesquisa bibliográfica com caráter de pesquisa qualitativa e exploratória. Segundo Gil (2018, p. 26), as pesquisas exploratórias têm “como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Quanto aos aspectos essenciais para uma pesquisa qualitativa Flick (2008, p. 23) descreve que consistem “no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento.”.

Sendo uma pesquisa bibliográfica ou estado da arte, estado do conhecimento, mapeamento bibliográfico, revisão do conhecimento, entre outros nomes, este trabalho consiste em uma pesquisa, uma averiguação e um levantamento do ponto em que se encontra o conhecimento de uma área e/ou assunto específico (APOLINÁRIO, 2011; FERREIRA, 2002; LIMA; MIOTO, 2007; PALANCH; FREITAS 2015; ROMANOWSKI; ENS, 2006). Para este trabalho, foram pesquisados artigos científicos acerca do tema de produção de subjetividades na Educação Musical.

Para Apolinário (2011), a pesquisa bibliográfica se caracteriza por uma série de técnicas, e para realizar o levantamento de dados ele sugere que se utilize de análises de documentos, estratégias de buscas e revisão de literatura. Essa última me gerou uma certa confusão, pois, o que é uma revisão de literatura em uma pesquisa bibliográfica? E qual a diferença entre esses dois tipos de levantamento?

As respostas dessas questões vieram por meio de Lima e Miotto (2007) e Prezenszky e Mello (2019). Segundo essas autoras, a revisão de literatura é um pré-requisito para toda e qualquer investigação, no entanto uma pesquisa bibliográfica, além de envolver a revisão, “tem por seu próprio objeto de análise a produção científica sobre determinado tema ou objeto” (PREZENSZKY; MELLO, 2019, p. 1572). Além disso, as autoras Lima e Miotto (2007, p. 38) também destacam que “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo”, o que não necessariamente é exigido em uma revisão de literatura.

Quanto a importância de uma pesquisa bibliográfica para a Educação, Romanowski e Ens (2006) apontam que esse tipo de pesquisa contribui para que a categoria possa conhecer o escopo de produção de determinada área e assim, pensar e repensar sobre suas práticas educativas. Nas palavras das autoras:

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 39).

Dessa forma, esse trabalho visa por meio da pesquisa bibliográfica identificar, em um recorte temporal previamente estabelecido, as publicações brasileiras de artigos científicos sobre o tema da produção de subjetividades na Educação Musical e com isso, aprofundar as questões sobre a temática e agregar possíveis reflexões. Nos próximos subcapítulos descrevo quais foram as etapas dessa pesquisa, os critérios para o levantamento e análise dos dados, juntamente com os resultados dessa análise.

1.1 Levantamento e análise de dados

Todas as buscas para este trabalho foram realizadas entre os meses de outubro e novembro de 2021. As primeiras buscas foram realizadas com termos¹ e estratégias² amplas, para que fosse possível ter um panorama geral sobre produção de subjetividades na Educação Musical. Apenas com essas pesquisas preliminares já foi possível observar que a temática da produção de subjetividades, além de vir da área da Filosofia, ainda é pouco estudada pelo campo da Educação Musical. No entanto, para aprimorar as estratégias de busca, com o objetivo de alcançar resultados mais precisos e partindo das palavras chave utilizadas pelo referencial teórico, foi refletido quais dos termos possuíam uma melhor adequação e aproximação do tema produção de subjetividades na Educação Musical. Ao final, foram utilizados oito termos de busca: subjetividade, subjetivação, filosofia, música, educação musical, ensino musical, ensino de música e prática musical.

Esses termos foram organizados em oito estratégias de busca, que estão numeradas e apresentadas no Quadro 1. Para as estratégias foi utilizado o operador booleano AND entre os termos, para que apenas artigos que tivessem ambos os termos em seu corpo de texto fossem recuperados. E foram utilizadas aspas nos termos com duas ou mais palavras, para que os resultados apresentassem apenas a combinação específica de palavras.

¹ Termos de busca são palavras ou expressões compostas utilizadas para se obter resultados sobre algum assunto pesquisado.

² Estratégia de busca é a maneira que é organizado os termos de busca.

Quadro 1 - Estratégias de Busca

ESTRATÉGIAS DE BUSCA			
1	subjetividade	AND	música
2	subjetividade	AND	"educação musical"
3	subjetividade	AND	"ensino musical"
4	subjetividade	AND	"ensino de música"
5	subjetividade	AND	"prática musical"
6	subjetivação	AND	música
7	subjetivação	AND	"prática musical"
8	filosofia	AND	"educação musical"

Fonte: produzida pelo autor (2021).

As estratégias de busca foram aplicadas na Revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Para o critério cronológico, primeiro foi estabelecido os últimos cinco anos (2016 - 2021); essa busca resultou em apenas um artigo. Por conta disso, eu ampliei o intervalo de tempo para todas as publicações *on-line* da revista, o que gerou o resultado de sete artigos, todos eles vindos da estratégia de número oito (filosofia AND “Educação Musical”). Esses resultados de certa maneira não foram totalmente inesperados, visto que já sabíamos, pelas pesquisas preliminares, que o tema da produção de subjetividades se situa na área da Filosofia e que o campo da Educação Musical ainda se debruça pouco para estudar essa temática.

Com a obtenção de um número tão reduzido de artigos, direcionei as buscas para a Revista OPUS, que é a revista eletrônica da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (Anppom), para a qual foram utilizadas as mesmas estratégias e o mesmo filtro cronológico dos últimos cinco anos (2016 – 2021). O resultado foi igual ao da revista anterior, portanto, novamente foi ampliado o intervalo de data para todas as publicações *on-line*, tendo assim, um montante de 32 artigos.

Para ter uma compreensão e um mapeamento mais aprofundado sobre as publicações de artigos científicos sobre a produção de subjetividades na Educação Musical, expandi as buscas para as bases de dados Portal de Periódicos da Capes, Scielo Educ@, Scielo e DOAJ. Nessas plataformas foi utilizado o seguinte protocolo de busca: publicações no Brasil em língua portuguesa; entre 2011 e 2021; descritores de busca para todos os índices e qualquer lugar do texto. Para o Portal de Periódicos da Capes foi utilizado um filtro a mais, selecionando apenas os “periódicos revisados por pares” e também foram desconsideradas as estratégias de número

um e seis, pois apresentavam uma quantidade elevada de resultados, o que tornaria inviável uma posterior análise dos artigos.

Somando as duas revistas e as bases de dados, foram levantados 122 artigos, os quais foram listados e organizados em uma tabela contendo a fonte de informação (revistas e/ou bases de dados); nome da(o) autor(a); título do artigo; ano de publicação; nome do periódico; *link* para acesso; resumo e a estratégia de busca utilizada (adaptação dessa tabela em APÊNDICE 1 – Artigos levantados). Após essa organização, realizei a leitura exploratória dos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos, buscando identificar os assuntos dos textos e quais deles tinham relação com a pesquisa da produção de subjetividades. Com essa primeira filtragem foram selecionados 16 artigos (lista em APÊNDICE 2 – Primeira filtragem).

Após essa etapa, foi feita uma leitura seletiva dos textos, por meio das introduções e considerações/conclusões de cada um dos artigos. Entre os textos, encontrei várias temáticas de grande importância e de interesse pessoal, como por exemplo, pesquisa cartográfica, Filosofia da Educação Musical e a relação de clínica e música. Entretanto, visando uma seleção mais específica, fui verificando o que poderia de fato ser pertinente ao estudo da produção de subjetividades na Educação Musical. Assim, os artigos que permaneceram ao final dessa seleção foram aqueles que, em seus conteúdos abordados, tinham proximidade com o tema da produção de subjetividades na Música e/ou na Educação Musical. Dessa forma, os demais artigos foram retirados dessa nova lista de seleção, permanecendo ao final o total de cinco artigos. As etapas de filtragem estão demonstradas na Tabela 1.

Tabela 1 - Resultados de buscas

BASES DE DADOS	ARTIGOS ENCONTRADOS	PRIMEIRA SELEÇÃO	SELEÇÃO FINAL
ABEM	5	-	-
ABEM e DOAJ	1	1	-
OPUS	28	-	-
OPUS e DOAJ	2	2	1
CAPES	33	2	-
CAPES e DOAJ	6	2	-
Scielo Educ@	4	-	-
Scielo	8	1	-
DOAJ	33	8	4
DOAJ e Scielo	2	-	-
TOTAIS	122	16	5

Fonte: dados obtidos da pesquisa (2021).

Após estabelecida a seleção final dos artigos, estes foram numerados de um a cinco por ordem alfabética do sobrenome das(os) autoras(es) e serão tratados, a partir daqui, pelos seus números correspondentes (Quadro 2, abaixo). A partir disso, a próxima etapa foi uma análise mais aprofundada dos artigos, o que levou a realizar leituras integrais das obras. Para se obter uma efetividade maior, essa etapa foi dividida em dois momentos. O primeiro consistiu na leitura reflexiva e/ou crítica dos textos, o qual permitiu identificar dentro dos artigos quais são os conceitos centrais e/ou mais evidentes apresentados, quais as temáticas de cada obra e quais as referências mais recorrentes. Essa etapa é chamada de **Análise explicativa das soluções**, onde a(o) pesquisador(a) vai justamente explicar as informações e dados contidos no material selecionado (LIMA; MIOTO, 2007).

O segundo momento é a leitura interpretativa, essa etapa – também chamada de **Síntese integradora** (LIMA; MIOTO, 2007) – foi de relacionar as ideias expressas nas obras e suas contribuições com os materiais teóricos previamente lidos, assim como, com a questão da produção de subjetividades na Educação Musical, o que resultou nas reflexões contidas no capítulo 3 desse trabalho. Para Lima e Miotto (2007), esse momento é o mais complexo da pesquisa bibliográfica, pois implica ao pesquisador(a) que ela/ele exerce uma série de “associação de idéias [sic], transferência de situações, comparação de propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar” (LIMA; MIOTO 2007, p. 41).

Quadro 2 - Artigos selecionados

NÚMERO DO ARTIGO	AUTORAS(ES) ANO	TÍTULO DO ARTIGO	TEMÁTICAS ABORDADAS
1	ANDRADE, Regina Gloria Nunes; MACÊDO, Cibele Mariano Vaz de. (2012)	O trabalho de arte e de grupos com jovens no Centro Cultural Cartola - Comunidade da Mangueira RJ	O ensino e a prática musical como processo de desenvolvimento integral e de singularização, assim como uma ferramenta para a transformação social.
2	CHAGAS, Pedro Dolabela. (2011)	Política e produção de subjetividades: música e literatura	Arte como espaço político e como instância de produção de subjetividade, apresentando as distinções dos caminhos da música e da literatura nessas produções de subjetividades e subjetivações.

3	GOMES, Rita Helena Sousa Ferreira. (2015)	Convite à perversão	Apresenta o viés filosófico cartesiano de dualidade corpo-mente, racional-sensível, apontando como essa dicotomia se apresenta nas escolas e no ensino musical. Sugere uma quebra desses dualismos em uma proposta dialógica em sala de aula e aponta a arte e a educação musical como caminho para o reconhecimento dos indivíduos e entre os indivíduos.
4	SÁ, Leanderson Luiz de. (2017)	Música e desejo: os músicos de rua e bares e a produção de singularidades	Discorre sobre cultura e subjetividade massificadas e sobre a busca do Desejo. Aponta a prática da música como potencial de subjetivação.
5	WEIK, Christian Alberto. (2021)	Por entre ritornelos e rizomas: ensaios de um ensino-aprendizagem musical deleuziano	Apresenta diversos conceitos e pensamentos propostos por Deleuze e os transpõe para o campo da educação e da educação musical, fazendo uma análise das implicações desses pensamentos sobre o(a) educador(a), educando(a) e de suas relações.

Fonte: produzida pelo autor (2022).

1.2 Referências Recorrentes

As referências dos artigos foram organizadas em três tabelas, sendo elas: por autoras(es) recorrentes em diferentes artigos; autoras(es) com mais de uma obra no mesmo artigo e autoras(es) com apenas uma obra em um único artigo. As tabelas contêm as informações das referências utilizadas nos artigos, de qual artigo foi retirada a referência, nome da(o) autor(a), título da obra e ano de publicação.

A partir disso, identifiquei que a maioria das referências trazidas pelos artigos não se repetem entre si e apenas uma obra de cada autor(a) foi utilizado(a) nos textos. Também foi possível notar que as (os) autoras(es) que possuem mais de uma obra citada no mesmo texto são de referências sobre metodologia (artigos de número um e quatro), teoria da Educação Musical (artigo de número três) e da literatura (artigo de número dois).

Quanto as(aos) autoras(es) com recorrência entre os artigos, foi possível constatar dois autores e uma autora, sendo Félix Guattari e Gilles Deleuze presentes nos artigos um, dois e cinco e Suely Rolnik nos artigos um e quatro. Também foi notada a reincidência de duas obras, **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 1)**, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, nos artigos de número dois e cinco e **Caosmose: um novo paradigma estético**, de Félix Guattari, nos artigos de número um e dois, conforme pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 - Recorrência de autoras(es)

AUTOR(A)	TÍTULO	NÚMERO DO ARTIGO
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix.	Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 4) e (vol. 5)	5
	Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 3)	2
	Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 1)	2 e 5
DELEUZE, Gilles;	O abecedário de Gilles Deleuze [entrevista]	5
	Proust and signs.	
	Francis Bacon: lógica da sensação	1
GUATTARI, Félix.	Caosmose: um novo paradigma estético	1 e 2
RONLIK, Suely.	A Sombra da Cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia	1
	Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo	4

Fonte: dados obtidos da pesquisa (2021).

Com o levantamento de referências recorrentes, é possível observar que a autora e os autores que possuem recorrência entre os artigos, discutem sobre a temática da produção de subjetividades, assim como, também se situam no pensamento da Filosofia da Diferença. Isso traz uma reflexão sobre esse tema, pois, mesmo que tenhamos outros autores que são, ou que podem ser associados com a temática da produção de subjetividades – por exemplo, Michel Foucault e Sandra Mara Corazza – os dados aqui coletados indicam que, ao menos o campo da Música e da Educação Musical, estão se debruçando sobre Deleuze, Guattari e Rolnik para estudar a produção de subjetividades.

1.3 Conceitos Evidenciados

Durante as leituras reflexivas e/ou críticas dos artigos, constatei que as (os) autoras(es) se utilizam de vários conceitos do campo da produção de subjetividades. Assim, para compreender os textos precisei me aproximar dos conceitos abordados e essas apropriações ocorreram por meio de leituras de livros e artigos específicos da produção de subjetividades e também nas orientações com a professora Vânia. No entanto, mesmo entendendo muitos dos conceitos, alguns ainda me passavam despercebidos na leitura, o que ocorria por desconhecer alguns termos que representam conceitos, um deles foi o termo ‘linhas de fuga’. Em alguns dos artigos analisados em que me deparei com esse termo, eu compreendi de maneira geral o que o trecho ou parágrafo expressava, mas não o termo em si. Com isso, se fez necessária uma

discussão em uma orientação para conhecer e compreender o termo e seu conceito. Dessa forma, foi possível interpretar melhor os artigos.

A partir dessa constatação, percebi que é de grande importância para quem estuda e pesquisa essa temática, não apenas entender a produção de subjetividades e os conceitos que a permeiam, mas também, saber identificar os termos que acompanham os conceitos.

Assim, trago um levantamento dos conceitos da produção de subjetividades presentes nos artigos (Quadro 4, abaixo). A recolha foi feita de duas maneiras, a primeira foi a partir dos conceitos que se encontram de maneira explícitas nos textos, ou seja, aqueles conceitos que nominalmente aparecem, onde é possível encontrar o termo que carrega a ideia do conceito. A segunda maneira foi os conceitos que estão de forma implícita, isto é, os que estão subentendidos no discurso do texto. Entretanto, cabe destacar que esse trabalho não visa e não se propõe explicar cada um dos conceitos presentes nos textos, mas, apresentar a existência deles e apontar quais foram aqueles em que as (os) autoras(es) se apoiaram/utilizaram para abordar a temática da produção de subjetividades na música e/ou na Educação Musical.

Quadro 4 - Conceitos encontrados

CONCEITOS	NÚMERO DO ARTIGO	CONCEITOS	NÚMERO DO ARTIGO
Territorialização	1, 2, 3, 4 e 5	Devir	3
Desterritorialização	1, 2, 3, 4 e 5	Subjetivação	4
Linhas de Fuga	2, 3, 4 e 5	Reterritorialização	5
Agenciamentos	1, 2 e 5	Ritornelo	
Rizoma	2 e 5	Plano de imanência	
Singularidade	1 e 4		

Fonte: dados obtidos da pesquisa (2021).

Os cinco artigos utilizam vários conceitos da produção subjetividades, porém com o levantamento foi possível identificar que a territorialização e desterritorialização são evidenciados nos artigos, ou seja, isso aponta uma certa tendência de foco temático quanto a abordagem sobre produção de subjetividades na Música e/ou Educação Musical.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para conseguir realizar esta pesquisa, que visa mapear a produção de subjetividades na Educação Musical, busquei subsídios teóricos em diferentes campos e áreas de conhecimento como a Psicologia, Filosofia, Educação, Educação Musical e Filosofia da Educação Musical.

Como a área da Educação, epistemologicamente, constitui a área da Educação Musical, tornando-as áreas irmãs, estruturei este capítulo em duas partes. Na primeira, abordo a produção de subjetividades e Educação e na segunda, Educação Musical. Em ambas as partes busquei e revisei autoras(es) que discutem, refletem e conceituam sobre essas temáticas.

2.1 Da Produção de subjetividades e Educação

Pensar, discutir e observar a sociedade pela perspectiva da produção de subjetividades, advém da Filosofia e da Psicologia. E é justamente nessas fontes que o campo da Educação vem se debruçando para repensar as próprias práticas e formações pelo olhar da produção de subjetividades. Assim, apresento aqui um recorte do que a área da Educação vem discutindo e propondo, para a partir disso, conduzir para a Educação Musical.

No entanto, primeiro vou delinear alguns traços do que é produção de subjetividades e para isso, inicio o mapeamento a partir da concepção do que é subjetividade segundo Soares e Miranda (2009). Eles apontam subjetividade como sendo “tudo aquilo que concorre para a produção de um ‘si’, um modo de existir, um estilo de existência.” (SOARES; MIRANDA 2009, p. 416). E Guattari e Rolnik (1996) nos explicam que a subjetividade é produzida a partir de agenciamentos de enunciação, que podem ser agenciamentos de natureza extra-pessoal, extra-individual, como por exemplo: sistemas econômico, sociais, ecológicos e assim por diante. Também pode ser produzida pelos agenciamentos de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal, como os sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação e outros da mesma categoria (GUATTARI E ROLNIK, 1996. p.31)³.

³ Citação completa: “A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.).” (GUATTARI E ROLNIK, 1996. p.31)

Em outras palavras, os autores apontam que constantemente temos a subjetividade afetada pela ambiência em que nos encontramos, pelo mundo concreto, pelo sistema, pela cultura, assim como, temos a subjetividade produzida e influenciada pelos afetos, pelas psiques, percepções. Dessa maneira, “[...] a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 31). Com isso, entender o que é a produção de subjetividades é conhecer e entender como somos modelados ou como conseguimos resistir as modelações (GUATTARI; ROLNIK, 1996; SOARES; MIRANDA, 2009).

Dentro deste aspecto, os autores também discutem como o sistema capitalista afeta as modelações das produções de subjetividades e apresentam o conceito de uma “subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 25).

Eles apontam que “[...] as forças sociais que administram o capitalismo [...] entenderam que a produção de subjetividades talvez seja mais importante do que qualquer outro tipo de produção” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 26), dessa maneira, fizeram da subjetividade uma produção industrial. Uma vez que essas subjetividades estão atreladas não apenas no âmbito das ideologias, mas também no “coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 26). Assim, por meio da produção de subjetividades, o sistema capitalista molda e controla os indivíduos.

Para compreender melhor essa perspectiva recorro a Gallo (2010), que discorre sobre as camadas, ou os níveis do processo de produção de subjetividades. Ele explica que:

A territorialização dos indivíduos – poderíamos também dizer socialização – é um processo de produção de subjetividades que se dá em dois níveis; um microssocial ou individual, e outro macrossocial ou coletivo. [...] Cada modo de produção, cada sistema de dominação, para se perpetuar, busca ser, além de modo de produção de bens materiais, modo de produção de subjetividades (GALLO, 2010, p. 239).

Assim, um dos meios de perpetuação do sistema dominante capitalístico – hoje, mais especificamente o neoliberalismo – é, também, porque atinge as subjetividades. Como explica Pellanda (2001, p.14), ao atribuir cinco pressupostos para a sustentação do neoliberalismo, sendo eles: “a naturalização do mercado; a epistemologia da verdade única; homogeneização das consciências; o ataque aos vínculos; a fragmentação e a formalização.” Esses pressupostos, explica a autora, não são fatalistas, mas funcionam como mecanismos que atacam e agridem as condições para a construção de um sujeito e o próprio sujeito (PELLANDA, 2001).

Portanto, a produção industrial da subjetividade, ou como Soares e Miranda (2009) colocam, a massificação da produção de subjetividades vai ganhando cada vez mais espaço dentro deste sistema hegemônico. Eles afirmam que:

Num mundo onde o Capital é o referente geral das relações humanas, independentes das chamadas ideologias políticas que na atualidade tornaram-se indiscerníveis, assiste-se atônito à mercantilização e à massificação dos modos de vestir, de se alimentar, de sentir, de amar, de consumir. (SOARES; MIRANDA, 2009, p. 420),

Ou seja, ao ter o Capital como referência para as relações humanas, partimos para uma concepção mercadológica da subjetividade e com isso, uma massificação da produção de subjetividades, isto é, uma subjetividade em série, em grande escala e homogênea. E é justamente com a massificação nas muitas dimensões dos seres, que o capitalismo mantém o controle social da população. Esse entrelaço da educação dentro do sistema neoliberal é discutido por Oliveira e Tavares (2018), quando afirmam que:

[...] para que os jogos do mercado sejam bem articulados, os jogadores precisam ser bem preparados e conhecedores das regras. A escola, nesse sentido, torna-se palco fundante para que a reflexão sobre si e sobre a sociedade seja interrompida e não coloque em risco os jogos de poder em vigência (OLIVEIRA; TAVARES, 2018, p. 166).

Desse modo, o sistema educacional passa a ser um dos enfoques do sistema capitalístico, uma vez que é – como bem destaca a psicóloga Vivian de Jesus Correia Silva – “através da educação de massa, elaborada com suas estratégias pedagógicas, distribuída em larga escala e obrigatória durante os anos de crescimento do indivíduo” (SILVA, 2017, p. 14) que esse sistema alcança extremo poder sobre os indivíduos.

Assim, dentro desse sistema, o papel da pedagogia passa a ter grande importância para o controle populacional. Encontro em Godoy (2013, p. 31) apontamentos sobre esse assunto:

É por meio da pedagogia, [...] que se levam os indivíduos a vincularem-se com um modelo de conhecimento e de motivação que informa e orienta a ação, e que é inseparável de certo arranjo das forças produtivas, visto que o que ela visa é o aumento do desempenho e do rendimento. É deste modo que a indexação do poder na subjetividade dos governados apresenta-se inseparável da inscrição pedagógica do cidadão no indivíduo. Nesse sentido, longe de estar confinada ao espaço escolar, é preciso entender a inscrição pedagógica como aplicação ali onde as identidades são delineadas, os desejos mobilizados e as experiências ganham forma e sentido.

A autora busca ressaltar a relevância que a pedagogia exerce dentro da sociedade, do nosso cotidiano e das vivências. Afirmando que “não há governo sem pedagogia, e de que o alvo de ambos é tanto os corpos quanto o mundo em que eles vivem, o modo como vivem: o modo como pensam, sentem e percebem.” (GODOY, 2013, p. 32).

Assim, pode ser pertinente refletir não apenas sobre a Pedagogia em si, mas também a formação daqueles que exercem formalmente a Pedagogia, ou seja, pensar e questionar a formação das(os) docentes. Sobre isso, Dias (2014) problematiza a formação hegemônica que hoje – em sua grande maioria – se faz com as (os) professoras(es) e propõem um caminho outro para essas formações, um que estabeleça as (os) educadoras(es) como pessoas em produção de subjetividades, para que dessa maneira, a formação de docentes possibilite aos mesmos uma apropriação de si e de sua constituição, para então, poder se reinventar e expressar a si.

Optar por esse viés deixa implícito a pretensão de conceber um(a) educador(a) e uma educação “[...] onde não se ignora o universo cultural do estudante, mas que o explora, faz uso dele, parte dele e a ele retorna, ampliado, refletido” (WEIK, 2021, p. 67). Essa perspectiva dialoga diretamente com os pensamentos de Freire (2019), já que ele aponta, que ensinar é respeitar os múltiplos saberes das(os) educandas(os) e também, “[...] estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos.” (FREIRE, 2019, p. 32).

Essa concepção e esse viés parte em querer buscar uma educação emancipatória, ou seja, uma que vise oportunizar para o (a) educador(a) e para a (o) educanda(o) uma possibilidade de se libertar da produção de subjetividades massificada, fragmentada e homogeneizada, uma emancipação de si. É também a busca por uma educação que dialogue, conheça e note as singularidades dos indivíduos, uma que seja mais sensível – por assim dizer – e que se efetive a partir da atenção permanente às inúmeras diversidades, intemperes e problemáticas que podemos encontrar nos ambientes educacionais, para então, dar início a planos e propostas que possam quebrar e atravessar os diferentes campos de saberes (WEIK, 2021, p. 67). Portanto, compreender como se dá e como se atua a produção de subjetividades, pode ser de extrema importância para a área da Educação, assim como, para a Educação Musical, ao que me refiro a seguir.

2.2 Indicativos da subjetividade para Educação Musical

Como procurei demonstrar no item anterior, a área da Educação tem suas atribuições já amplamente discutidas, sendo um campo que envolve saberes da cultura, sociedade e do ser integral. Como aponta o educador teatral, musical e pesquisador português Levi Leonido Fernandes da Silva (2008, p. 3), ao dizer que: “partindo da premissa de uma sociedade democrática, como aquela em que nos inserimos, a educação deve ter como objetivo [sic] prioritário o desenvolvimento pessoal”.

Atribuir a educação como um espaço para que os indivíduos possam se desenvolver, se descobrir, se encontrar e se perceber tanto no sentido mental, psicológico e emocional, quanto no sentido físico, geográfico e social, faz coro com Herbert Read (1958, p. 21-22), ao declarar que:

“[...] o objectivo [sic] geral da educação é o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é o individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence. [...] neste processo a *educação estética* é fundamental.”

Tanto para Silva (2008), quanto para Read (1958), a educação estética deve ser central em todo o processo de desenvolvimento do ser e assim, atingir o objetivo educacional, já que a educação estética, “[...]vai para além do conceito adstrito da Educação artística (visual ou plástica) e pode abranger todos os modos de expressão distintos: Verbal (literária e poética), musical ou auditiva.” (SILVA, 2008, p. 3).

Desta forma, a arte passa a ser o principal pilar para o desenvolvimento e para a manifestação do ser humano, já que expressar (EXPRESSAR, 2021) vem de exprimir, que por sua vez, significa manifestar(-se) por meio da arte (EXPRIMIR, 2021). Essa perspectiva encontra respaldo em Swanwick (2003), uma vez que ele considera a música como discurso e acredita que ela “[...] pode fazer uma diferença na maneira como vivemos e como podemos refletir sobre nossa vida.” (SWANWICK, 2003. p. 78). Assim, a Educação Musical torna-se um possível caminho dentro do processo educacional.

Ao tratarmos a música como um discurso contribuímos para a concepção de educação proposta por Read (1958) e Silva (2008), assim como, sobre o papel da arte dentro da educação visando o desenvolvimento humano. Outro autor que também reflete e discute as relações e os desenvolvimentos humanos pelo prisma da música, mais especificamente a performance musical, é Christopher Small (1999). Ele defende que:

É somente entendendo o que as pessoas fazem quando participam de um ato musical que podemos começar a entender a natureza da música e seu papel na vida humana. Mas seja qual for esse papel, é verdade que, em primeiro lugar, participar de atos musicais é central para nossa própria humanidade, tão importante quanto participar de atos de fala. (SMALL, 1999, sem paginação, tradução nossa).

Para o autor, os atos musicais possibilitam que ocorram encontros humanos, que por sua vez estabelecem relações de naturezas ímpares. Ele defende que música não deve ser tratada como substantivo, mas sim como verbo, em que deu o nome de ‘musicar’. Argumentando que devemos pensar este verbo “[...]não apenas para expressar a ideia de atuar, tocar ou cantar; já

temos palavras para isso; mas sim expressar a ideia de participar de uma performance⁴ musical.” (SMALL, 1999, sem paginação, tradução nossa).

O autor trata a performance musical como o espaço em que as possibilidades de encontros e de relações possibilitam o despertar do desenvolvimento e da reflexão do indivíduo. Ele explica que:

Quando participamos de uma apresentação musical, seja como músico ou como ouvinte, as relações que criamos moldam as do cosmos como acreditamos que são e deveriam ser. Não apenas aprendemos sobre essas relações, mas as vivenciamos em toda a sua bela complexidade. A música nos dá os poderes para experimentar a estrutura de nosso universo e, ao experimentá-la, aprendemos, não apenas intelectualmente, mas nas profundezas de nossa vida, qual é o nosso lugar nela e como nos relacionamos e devemos nos relacionar com ela. Cada vez que participamos de uma apresentação musical, exploramos essas relações, as afirmamos e celebramos. (SMALL, 1999, sem paginação, tradução nossa)

Ao estabelecer atos musicais, ou performances musicais como um espaço de encontros e de relações, é possível levar este conceito para as práticas de Educação Musical, onde o dinamismo entre educadoras(es) e educandas(os) possibilitam a exploração das relações, tal qual nas apresentações musicais. Sobre esse dinamismo, a educadora musical e pesquisadora Regina Finck (2003, p. 60), observa que:

Quando um educador promove uma situação de ensino musical, o conhecimento produzido é resultado de um processo dinâmico, ou seja, se por um lado, o aluno interage com seus pares, ao mesmo tempo em que estabelece trocas enriquecedoras com a mediação do professor, por outro, o próprio educador amplia seus conhecimentos com a contribuição das experiências dos alunos.

Assim, é nesse influxo de trocas de experiências, saberes e aprendizados que as relações vão tomando forma e significados, para aqueles que participam de uma performance de caráter educacional, sendo essas conexões o que possibilita e oportuniza aos indivíduos novas perspectivas e compreensão de si, do outro, do ambiente e dos conteúdos.

Dessa maneira, a Educação Musical, a criação artística, o performar e o musicar passam a ser para as (os) educadoras(es) musicais, um caminho possível para o amadurecimento emocional, psico-intelectual e expressivo de si e de suas (seus) educandas(os).

⁴ A definição de performance para o autor é de “qualquer [...] atividade que possa afetar a natureza daquele encontro humano que chamamos de apresentação musical” (SMALL, 1999, sem paginação, tradução nossa).

3 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Partindo de uma concepção de Educação Musical que visa o desenvolvimento pessoal e interpessoal, proponho que se observe a produção de subjetividades na Educação Musical e suas implicações. Essas observações possibilitam a reflexão sobre as práticas docentes no campo da música e assim, buscar maneiras para escapar das lógicas hegemônicas já descritas por Guattari e Rolnik (1996), Soares, Miranda (2009) e Silva (2017), como também por Dias (2014), Pellanda (2001) e Weik (2021). Para isso, a(o) educador(a) necessita passar por um dilema de âmbito sociológico, como nos explica Read (1958, p. 16):

A escolha será então entre a variedade e a uniformidade: entre uma concepção de sociedade como uma comunidade de pessoas que procuram o equilíbrio através do auxílio mútuo e uma concepção de sociedade como uma coleção de *gente* a quem é exigido que se conforme tanto quanto possível a um ideal. No primeiro caso, a educação é dirigida para o encorajamento do desenvolvimento de uma dada célula num corpo multiforme; no segundo caso, a educação é dirigida para eliminação de todas as excentricidades e para a produção de uma massa uniforme.

Ou seja, o autor parte de duas concepções diferentes de sociedade e estabelece para cada uma delas um viés de educação. Em um, encontramos como base a rigidez, a produtividade e a homogeneização e no outro, a flexibilidade, a singularidade e o amadurecimento do indivíduo. Sendo essa escolha entre “[...]uma teoria totalitária e uma teoria democrática da educação” (READ, 1958, p. 17).

Uma vez considerado que, não apenas os indivíduos de maneira singular produzem subjetividades, mas também os coletivos humanos as produzem (SOARES; MIRANDA, 2009), é possível reconhecer nos trabalhos de ensino musical o surgimento das produções de subjetividades coletivas, que compõe em si as subjetividades individuais compartilhadas com o todo. Como descrevem Andrade e Macêdo (2012, p. 32) em seu relato de experiência:

É interessante observar que, no decorrer do processo criativo de composição musical, a comunicação entre as crianças do grupo foi se tornando mais fácil, apresentando um nível mais potente de socialização. O que é individualizado passa a ser coletivizado, as ideias e a singularidade de cada expressão tornam-se visíveis nas sonoridades coletivamente gestadas. Isso traz a ideia de um território que, ao invés de cristalizar-se em uma única forma, deixa-se desterritorializar, marcando universos singulares e novos modos possíveis de subjetivação.

É possível identificar dentro das observações das autoras, como que por meio de processos composicionais de música, um grupo passa a conhecer não apenas o seu ambiente físico, mas também a si e aos outros. Esse processo de interação, entre aqueles que compõem música em grupo, resulta em uma simbiose de aprendizado não apenas no âmbito dos conteúdos intelectuais, mas na totalidade das esferas humanas.

Portanto, um(a) educador(a) musical pode estar sempre atento(a) as subjetivações individuais e coletivas, para que possa saber como conduzir o grupo. Afinal, como apontam as autoras Silveira, Martins e Burity (2019, p. 7): “[...] o educador deve estimular seus educandos a assumir responsabilidade por si mesmos. Educar não pode ser pensado apenas em termos de intelecto, mas também em termos de sensibilidade.”

Assim, faço o convite para que estejamos com os ouvidos aguçados “[...] para dar conta de perceber a singularidade e as infinitas possibilidades que a música oferece” (SÁ, 2017, p. 225) para as relações e conexões pessoais e interpessoais, assim como, considerar os diferentes ambientes musicais que podem oportunizar processos de subjetivação. Ambientes estes, como os descritos por Small (1999), ao abordar as performances musicais. O autor nos explica que:

Começamos a ver a performance musical como um encontro entre seres humanos que se dá por meio de sons organizados. Como todos os encontros humanos, ele ocorre dentro de um ambiente físico e social, e devemos levar esses ambientes em consideração também quando perguntamos quais são os significados gerados por uma performance musical. (SMALL, 1999, sem paginação, tradução nossa)

Embora o autor não se utilize da terminologia – produção de subjetividades – propriamente dita, é possível considerar que a concepção de Christopher Small sobre música é que ela oportuniza potencialmente a produção de subjetividades. Observa-se, por exemplo, quando o autor levanta o questionamento sobre “quais são os significados gerados em uma performance musical”, também pode ser lido como “quais são as produções de subjetividade geradas em uma performance musical”. Ou seja, a partir desta identificação, observo que não é apenas nas práticas educativas, mas também, por meio das diversas práticas musicais e dos diferentes encontros humanos que possibilitamos as produções de subjetividades e singularidades. Isso se dá devido a capacidade que a música tem de oferecer novos elementos “[...] para perceber /pensar/agir na realidade, nos dando outras possibilidades de criar e de transformar o modo com que estamos no mundo, com os ‘outros’ e conosco mesmo [sic].” (GOMES, 2015, p. 116).

A bibliografia sobre produção de subjetividades e as reflexões desencadeadas por autoras e autores de distintas áreas, como procurei apontar até aqui, indicam que é de alta relevância a(o) educador(a) musical estar atenta(o) para as diferentes maneiras de abordagem educacional e assim, traçar caminhos que dialoguem com as necessidades dos indivíduos e do coletivo em que esteja atuando. Então, como nos assinala as psicólogas Silveira, Martins e Burity é necessário que a(o) docente não apenas “[...] tenha um conhecimento amplo sobre os estudos relacionados ao desenvolvimento infantil, mas é imprescindível que se empenhe em seu próprio desenvolvimento.” (SILVEIRA; MARTINS; BURITY, 2019, p. 3). Para que isso

ocorra, é urgente buscar uma vivência musical que nos direcione para uma Educação Musical não hegemônica, emancipatória e não massificadora (GOMES, 2015; MÜLLER, 2006).

Dessa forma, esse estudo procura contribuir com as educadoras e educadores musicais para que possam vir a identificar, pesquisar, refletir e olhar com mais atenção para a produção de subjetividades na Educação Musical.

3.1 Des/territorialização: conjecturas em Práticas Pedagógico Musicais

Partindo do material encontrado na revisão bibliográfica, das reflexões e dos apontamentos feitos até aqui, conduzo esse item para uma conjectura de como podem ser as práticas pedagógico-musicais pelo prisma da des/territorialização. A escolha do conceito entre tantos outros se deu uma vez que, ao analisar os dados coletados (subcapítulo 1.3) a territorialização e a desterritorialização estiveram em evidência nos materiais selecionados. Pensar sobre essas conjecturas também tem como finalidade tentar suprir, de alguma maneira, a falta de material sobre a temática da produção de subjetividades na Educação Musical.

Para conseguir identificar e aplicar na prática um conceito, este estudo tem me mostrado que o primeiro passo é se aproximar dele, porém, um conceito não se limita a uma explicação simples. Eles são definidos a partir de múltiplos componentes, sendo que, todos os conceitos possuem um contorno irregular (DELEUZE; GUATTARI, 1997b). Assim, podemos ir aos poucos delineando e decodificando um conceito, ou seja, ir passo a passo, tato a tato reconhecendo o seu espaço e seu **território** conceitual. Portanto, como aqui não tenho a pretensão de estabelecer um guia conceitual sobre des/territorialização, pretendo indicar uma parte do contorno desse conceito, para que assim seja possível estabelecer algumas associações entre des/territorialização e práticas pedagógico musicais.

O conceito de territorialização é pensado como um conjunto de representações, as quais vão culminar em “[...] toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323). O território pode se relacionar com um espaço experienciado, como também com uma percepção de um sistema familiar, um ambiente em que o indivíduo se sente “em casa”. (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Já a desterritorialização é quando o sujeito encontra caminhos que atravessam os limites do território presente, levando-o para outros territórios. Esses processos ocorrem constantemente no nosso dia a dia, seja dentro das relações e divisões sociais de trabalho, do convívio com o sistema neoliberal hegemônico vigente e entre tantas outras interações

cotidianas. Sendo que, é justamente no processo de desterritorializar que o território presente vai se estabelecer e ampliar o próprio território (GUATTARI; ROLNIK, 1996; DELEUZE; GUATTARI, 1997a).

Partindo disso, procuro aqui transferir esses conceitos para uma prática educativa musical. Essa prática estabelece um território, que será constituído pelas subjetividades das pessoas que ali se encontram, pelas suas configurações e organizações micro sociais, assim como pelas normas e estéticas estabelecidas pelo e/ou para o grupo. Ou seja, um território de uma Educação Musical é composto pelas bagagens da trajetória histórica e das produções de subjetividades de cada um – e tudo o que isso implica – juntamente com a configuração hierárquica que pode existir entre estudantes, entre docente e estudante, entre quem toca qual instrumento, entre quem “sabe” e quem “não sabe” e entre tantas outras determinações da normatividade social no âmbito da música. Da mesma maneira, o repertório escolhido, como é escolhido, pra qual finalidade é escolhido, o que implica esse repertório, entre outras tantas reflexões que podemos levantar, isso tudo, se agrega a constituição do território.

De algum modo, o conceito de territorialização (GUATTARI; ROLNIK, 1996) dialoga com aquilo que Queiroz (2017b, p. 136) quer indicar por colonialidade:

colonialidade se insere em uma dimensão diferente do colonialismo, pois é construída na base cultural de uma sociedade, nas suas formas de ser, ver, perceber, fazer, valorar e pensar. Colonialidade é a hegemonia de conhecimentos, saberes, comportamentos, valores e modos de agir de determinadas culturas que, ao serem impostos a outras, exercem um profundo poder de dominação.

É neste ‘poder de dominação’, a meu ver, que se pode tomar como indicativo de uma aproximação entre colonialidade e territorialização, considerando que dominação se dá a partir de um território – de saberes, por exemplo. Além de mencionar o domínio e marginalização de diversas culturas e grupos minorizados – como mulheres, negros, etnias indígenas e diferentes manifestações artísticas populares – o autor também expõe como a dominação pode se dar na Educação e suas consequentes exclusões:

Essas exclusões não estão só nos conteúdos, mas também nas estratégias de ensino, nas maneiras de pensar e organizar os currículos, na dominação irrestrita dos modelos disciplinares que dividem, compartimentam e fragmentam a beleza da plenitude que caracteriza a expressão musical. (QUEIROZ, 2017a, p. 107).

Assim, a dominação hegemônica vai perpetuando as exclusões e moldando os territórios da formação e da prática docente musical. Essas territorializações são construídas de maneira histórica, “[...] o da história da dominação do homem pelo homem.” (GALLO, 2010, p. 239). Ou seja, um território no ensino musical não parte de uma ‘estaca zero’, de um completo vazio,

uma vez que na formação de uma(o) educador(a) já vão se estabelecendo algumas demarcações hegemônicas e/ou canônicas no terreno musical.

Quando se olha para um ensino musical pelo viés da produção de subjetividades e dentro dela a territorialização, podemos pensar como ‘equalizar’ o território do ensino, quais são as escolhas dos métodos avaliativos, dos objetivos traçados, os conteúdos abordados, os saberes e aprendizados diversos, as subjetividades, as singularidades e como tudo isso se soma e soa quando se leva o ensino para uma desterritorialização dos conteúdos, dos saberes e dos conhecimentos já postos (WEIK, 2021).

Para uma melhor compreensão, recorro ao relato de Andrade e Macêdo (2012, p. 32) ao abordarem a construção de território de um grupo de crianças em um projeto de ensino musical:

Os primeiros momentos de reconhecimento e vinculação do grupo ocorreram na perspectiva de ativar essa subjetividade ética e sua potência, de permitir a criação de um território construído em conjunto, pautado na liberdade de expressão de si mesmo, de escutar às diferenças e expressão dos afetos emergentes na vivência do agora. [...] Criação de um território em que se sinta liberto para se deixar revelar, espaço de jogo e criação. Progressivamente, esse território foi sendo construído passo a passo, como se cria uma composição musical, mas em cada passo, um amontoado de vozes e linhas tecendo redes, tecendo histórias, tecendo os ritmos, as dissonâncias e harmonias nas relações.

Em seu relato, as educadoras apontam sobre a importância de fazer com que as crianças se sintam num território familiar, dando para elas a familiaridade com o ambiente, com o conteúdo, com os indivíduos e consigo mesmas. Essa construção se deu a cada dia, pois não é uma estrutura que se monta e se consolida de maneira rápida, existe um vagar para que isso ocorra, elas foram construindo confiança – entre as pessoas e para as pessoas – partindo de um território comum a todos, um território coletivo, porém, com um olhar para as singularidades de cada estudante, oportunizando e promovendo confiança/familiaridade para que as condições favoreçam que as crianças acreditem e sintam que podem se expressar singularmente.

Dessa forma, as práticas pedagógico-musicais não estão sendo pensadas ‘apenas’ em um âmbito de diversificação de músicas, em uma tentativa de expandir a gama de repertórios, conhecimentos e curiosidades (QUEIROZ, 2017a). Pensar a territorialização musical não hegemônica, por meio da desterritorialização, passa por uma Educação Musical que busque a superação das exclusões que ao longo dos anos foi se formando e sendo intensificada e com isso, construir territórios compartilhados que visem o respeito das diferenças, a compreensão (do outro e de si) e a construção de identidades individuais e coletivas (GOMES, 2015).

Portanto, pensar na produção de subjetividades na Educação Musical, pelo prisma da territorialização e da desterritorialização, pode possibilitar a(ao) educador(a) musical entender os meandros que a(o) perpassam e assim, buscar desterritorializar-se, para com isso,

proporcionar as(aos) suas(seus) educandas(os) territórios não coercivos e oportunidades de desterritorialização.

3.2 Rizoma: breve comentário

O conceito de rizoma não se encontra em tamanha evidência nos artigos analisados, tal qual a des/territorialização (subcapítulo 1.3). Porém, acredito que é importante para esse trabalho tecer breve comentário sobre o rizoma, uma vez que identifiquei sua importância para o estudo da produção de subjetividades e, além disso, como aponta Soares e Miranda (2009), esse conceito possui também relevância central na obra de Deleuze e Guattari (1995). Afinal, o conceito de rizoma subverte a concepção hierárquica de pensamento e direciona para uma outra proposta de pensamento, uma que tem em si o movimento inventivo (SOARES; MIRANDA, 2009).

Emprestado da botânica, o rizoma é um caule que cresce no subterrâneo de maneira horizontal em diferentes direções. Em alguns pontos do caule surgem brotos folhosos que vão crescer para fora da terra, não é possível prever onde e quando vão surgir esses brotos. A partir de Deleuze e Guattari (1995), a ideia do rizoma toma uma proporção filosófica, assim, eles propõem uma concepção de pensamento rizomático. Nas palavras dos autores:

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidias. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31)

Em outras palavras, o conceito de rizoma para os autores é uma concepção de um pensamento que está sempre se movendo, se conectando entre diferentes linhas de conhecimentos e saberes, se desterritorializando, se formando, se transformando e seguindo por diferentes caminhos, sem ter uma direção fixa e/ou rígida. O rizoma é um processo e não um produto, é “[...] aberto, alterável, modificável, sempre em construção” (FRANÇA, 2006, p. 69). Dessa forma, o conceito do rizoma se encontra como contrário aos sistemas de centralizações, sistemas esses que, diferentemente do rizoma, se organizam em hierarquia, definições de caminhos prévios e certa rigidez, sem espaço para a invenção. Deleuze e Guattari (1995, p. 32) discorrem sobre isso, destacando que o rizoma é:

Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados.

Ao trazer esse conceito para a Educação, é possível conceber um ensino flexível, onde não temos uma relação com o aprendizado fixo, exato, ou único para percorrer, como uma pré-disposição a desterritorializar. A relação com o ensino-aprendizado passa a ser a partir dos indivíduos que estão envolvidos nos processos educativos de um determinado território, assim, cada um vai ao seu modo percorrer o seu próprio caminho, construindo suas conexões. Essa visão rizomática de ensino contrapõe a hierarquização e a compartimentalização dos conteúdos, provocando uma não linearidade entre eles, incitando a experimentar e fluir (FRANÇA, 2006).

Para Weik (2021), as práticas pedagógicas musicais só têm a ganhar ao se inspirarem no conceito de rizoma, pois, a partir dos sujeitos musicais presentes, sejam educadoras(es) ou educandas(os), as livres conexões e insuspeitas configurações, possibilitam e convergem em inventividades. Dessa maneira, ao invés de ter a relação de/do conhecimento em árvore, apresenta-se a figura do rizoma, uma “[...] miríade de pequenas raízes emaranhadas cujos pontos e elementos remetem uns aos outros e também para fora do conjunto, deixando antever a relação intrínseca entre os saberes” (WEIK, 2021, p. 71).

Buscar uma Educação Musical não cristalizada ou hierárquica passa por repensar os elementos curriculares do ensino de Música e também repensar as próprias abordagens de ensino, que por vezes, estão engessadas e amarradas. São incontáveis as metodologias musicais, as sistematizações em níveis técnicos de aprendizado, concepções canônicas e escolásticas de ensino. Obviamente que todos esses inúmeros modos de ensinar possuem seu devido valor, no entanto, argumento aqui que outras perspectivas menos rígidas são possíveis, perspectivas que não necessariamente caem, como aponta França (2006), em um esvaziamento do programa educacional. Afinal, como a autora discorre:

É preferível pensar não em um currículo instável, mas em um flexível, arejado. Não um professor nômade, mas alerta o suficiente para aproveitar oportunidades de aprendizado em todo lugar. Não em controle, mas direção, para assegurar a aprendizagem de conteúdos e procedimentos fundamentais da nossa disciplina. (FRANÇA, 2006, p. 70)

Seguir uma Educação Musical rizomática é optar por um ensino que pulsa nas interconexões, que perpassa pelas multiplicidades dos indivíduos, que transita e interage com os territórios e as desterritorializações, oportunizando a singularidade de aprendizado de cada pessoa, ao invés de uma aprendizagem massificada. Isto indica, portanto, a alta relevância que os conceitos de desterritorialização e de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995; GUATTARI;

ROLNIK, 1996) possuem para uma Educação Musical que considere os efeitos dos princípios do neoliberalismo, que apontamos anteriormente com Pellanda (2001). Efeitos esses que podem ser notados na produção de subjetividades, pois, para além da massificação, a fragmentação, o formalismo, o ataque aos vínculos, a homogeneização e tudo isso como verdade única emerge, também, em práticas musicais.

CONSIDERAÇÕES

Para a realização desse trabalho foi preciso compreender o que é e quais são os passos metodológicos de uma pesquisa bibliográfica. O escopo de estudo foi artigos científicos com a temática da produção de subjetividades na Educação Musical e para efetuar o levantamento dos documentos para análise, eu realizei buscas estratégicas na Revista da ABEM, na Revista OPUS e nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, Scielo Educ@, Scielo e DOAJ. As buscas preliminares já nos indicavam que a produção de subjetividades não é uma temática muito estudada pela área da Educação Musical. Essa suposição se confirmou após a realização da pesquisa bibliográfica, pois apesar de quantitativamente o levantamento nos apresentar um montante de 122 artigos, ao realizar as etapas de filtragem nos documentos, qualitativamente, foram considerados cinco artigos como pertinentes sobre a temática da produção de subjetividades na Educação Musical, os quais foram analisados com maior profundidade.

Quanto a realização das análises das referências recorrentes e dos conceitos evidentes nos artigos, dou destaque para as reflexões sobre a recorrência exclusivamente de autores e autora que tratam da temática da produção de subjetividades e que, dentre seus conceitos, os dados mostram uma tendência no campo da Música e da Educação Musical de focar nas temáticas dos conceitos de territorialização e da desterritorialização. Aponto também que outras discussões e reflexões a respeito das constatações presentes nas análises podem ser feitas e aprofundadas em futuras pesquisas, no entanto, para esse TCC não os realizei, por uma limitação de tempo e de enfoque.

Ponto que a busca por compreender a sociedade pela perspectiva da produção de subjetividades é um estudo que tem sua fonte na Filosofia e na Psicologia e que a área da Educação já vem se debruçando sobre essa concepção para (re)pensar suas práticas e formações. Assim, a Educação Musical pode, além de buscar na fonte, se utilizar do que já vem sendo produzido e proposto pela área da Educação e, com isso, olhar para o seu próprio campo de atuação com novas perspectivas.

Em meio aos estudos sobre a produção de subjetividades foi possível identificar uma convergência nas críticas das(os) autoras(es), quanto aos aspectos estruturantes da nossa sociedade. Todas(os) elas(es) fazem considerações a respeito das sobrecargas de demanda, produtividade, rendimento, eficácia e outros tantos aspectos que tratam da vida material, do salário, da subsistência, da precariedade de modo geral, inclusive da produção de subjetividades, gerando produção massificada (GODOY, 2013; GUATTARI; ROLNIK, 1996; OLIVEIRA; TAVARES, 2018; SILVA, 2017; SOARES; MIRANDA, 2009).

Com essa constatação, fica um alerta para nós – formadores de pessoas – sobre a incumbência que temos de estarmos atentos a esses cenários massificadores de subjetividades. E uma vez que foi possível identificar que a Educação Musical e os diferentes encontros musicais possibilitam o aprendizado, o desenvolvimento dos indivíduos e a formação da subjetividade, para consigo e para com os outros (ANDRADE; MACÊDO 2012; GOMES, 2015; SMALL, 1999), aponto para a área da Educação Musical e para os cursos de Licenciatura em Música quanto a responsabilidade também sobre a formação de futuras(os) educadoras(es) musicais. Pois, será que essas(es) futuras(os) docentes sabem lidar com uma Educação Musical que tenha consciência da massificação ou da homogeneização? E, portanto, estão preparadas(os) para fazer ao contrário e valorizar as singularidades?

Esse trabalho começou sendo exclusivamente uma pesquisa bibliográfica e não tinha como enfoque se aprofundar e apontar os conceitos e dar conta de explicá-los e mais ainda, associá-los com alguma prática pedagógico musical. No entanto, com o pouco material encontrado sobre a produção de subjetividades na Educação Musical, foi questionado qual poderia ser a contribuição dessa pesquisa pra a área da Educação Musical sobre uma temática pouco pesquisada. Assim, optei por apresentar alguns dos conceitos do campo da produção de subjetividades e busquei trazer comentários a respeito deles.

Ao pensar sobre as práticas pedagógico musicais por meio da des/territorialização, percebi como é importante considerar qual o território musical que está sendo construído para que ocorra o processo de desenvolvimento das pessoas presentes. Identifiquei também, que não apenas o repertório faz parte do terreno, mas todas as camadas do ensino musical vão criar o ambiente, assim como, a dominação hegemônica dos territórios acaba por gerar exclusões para a formação e prática de ensino musical. Portanto, é de grande relevância para um(a) educador(a) buscar se desterritorializar, para então, ele(ela) conseguir oportunizar territórios de ensinamentos emancipados e desterritorializantes.

Essa busca tem forte relação e conexão com o conceito de rizoma, uma vez que foi possível constatar como o ensino rizomático parte da relação dos indivíduos de um território estando sempre em movimentação, se formando, se transformando e trazendo a desterritorialização dos pensamentos e saberes. Assim, considero que tanto o conceito de rizoma quanto o de (des)territorialização possibilitam conceber uma Educação Musical que subverta a produção de subjetividades massificadas, fragmentadas e hierarquizantes, dando lugar para a singularidade, multiplicidade e livres conexões do ensino-aprendizagem.

Essas considerações partem de um trabalho que ainda não é uma pesquisa sobre a produção de subjetividades em uma Educação Musical, mas sim de uma pesquisa bibliográfica,

com isso, estabelece onde nos encontramos nesse tema e propõe um olhar diferente para o campo da Educação Musical. Por tanto, esse trabalho também se comporta como uma espécie de ensaio, uma vez que estamos entrando em um espaço/campo/área/subárea que possui poucas pesquisas. Aqui estou sugerindo ideias para a formação das(os) professoras(es) de música, para as práticas docentes e que, assim, possamos estar atentos para a produção de subjetividades na Educação Musical.

A partir desse meu primeiro contato com a temática da produção de subjetividades é possível uma futura dissertação que aborde essa temática em campo. Dessa forma, sugiro as(aos) pesquisadoras(es) da Educação Musical, que investiguem na prática de que modo a formação da subjetividade está ocorrendo em uma criança/adolescente/jovem/adulto enquanto ocorre uma prática de ensino musical, uma performance musical, ou – parafraseando Christopher Small (1999) – em qualquer encontro entre seres humanos que estejam produzindo sons organizados.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Regina Gloria Nunes; MACÊDO, Cibele Mariano Vaz de. O trabalho de arte e de grupos com jovens no centro cultural Cartola – comunidade da Mangueira RJ. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 2, n. 5, 28 set. 2012. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/66. Acesso em: 13 mar. 2022.
- APOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**, 2. ed. Grupo GEN, 2011. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522466153/>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- CHAGAS, Pedro Dolabela. Política e produção de subjetividades: música e literatura. **Gragoatá**, v. 16, n. 31, 30 dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33060>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997a. v. 5.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Vida e resistência: formar professores pode ser produção de subjetividades?. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 415-426, jul./set. 2014.
- EXPRESSAR. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S.l.]: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Expressar/>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- EXPRIMIR. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S.l.]: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/exprimir/>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- FINCK, Regina. A criação musical como recurso didático em sala de aula. **Revista Nupeart**, Florianópolis, v. 2, p. 53-77, set. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2642>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 15, 67-79, set. 2006. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/303>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GALLO, Sílvio. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. **Educação (UFSM)**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 229-244, 5 out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2073>. Acesso em: 13 mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GODOY, Ana. Biopolítica, cidadania e produção de subjetividades. Notas esparsas sobre pedagogia especulativa e subjetividade flexível. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, [s. l.], n. 20, p. 30-44, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4578>. Acesso em: 13 mar. 2022.

GOMES, Rita Helena Sousa Ferreira. Convite à perversão. **OPUS**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 101-118, jun. 2015. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/878>. Acesso em: 13 mar. 2022.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis, 1996.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2022.

OLIVEIRA, Fabio Alves Gomes de; TAVARES, Mariana Santiago. Disciplina e Subjetivação: o sujeito no contexto escolar neoliberal. **Revista Educação e Emancipação**, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 159-176, 19 set. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/9731>. Acesso em: 13 mar. 2022.

PALANCH, Wagner Barbosa de Lima; FREITAS, Adriano Vargas. Estado da Arte como método de trabalho científico na área de Educação Matemática: possibilidades e limitações. **Perspectivas da Educação Matemática**, [s.l.], v. 8, p. 784-802, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/867>. Acesso em: 13 mar. 2022..

PELLANDA, Nize Maria Campos. À Guisa de Introdução: reflexões sobre o neoliberalismo e subjetividade. In: MC LAREN, Peter. **A Pedagogia da Utopia**. Conferências na UNISC. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. p. 7-27.

PREZENSZKY, Bruno Cortegoso; MELLO, Roseli Rodrigues de. Pesquisa bibliográfica em educação: análise de conteúdo em revisões críticas da produção científica em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1569-1695, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/25221>. Acesso em: 13 mar. 2022.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. **InterMeio**, Campo Grande, MS, v. 23, n. 45, p. 99-124, jan./jun. 2017a. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5076>. Acesso em: 13 mar. 2022.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. **Revista da ABEM**. Londrina, v. 25, n. 39, p. 132-159, jul./dez. 2017b. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/726>. Acesso em: 13 mar. 2022.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1958.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set/dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SÁ, Leanderson Luiz de. Música e desejo: os músicos de rua e bares e a produção de singularidades. **Pretextos**: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, n. 4, p. 210 - 227, 5 jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15253>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SILVA, Levi Leonido Fernandes da. “Educação pela arte”. **Quaderns Digitals**, Portugal, n. 54, p. 01-12, 2008. Disponível em: http://www.quadernsdigitals.net/index.php?accionMenu=hemeroteca.VisualizaArticuloIU.visualiza&articulo_id=10728. Acesso em: 13 mar. 2022.

SILVA, Vivian de Jesus Correia e. Sociedade disciplinar no pensamento de Foucault e a sociedade de controle no pensamento de Deleuze-Guattari: o papel da instituição educacional e o controle na infância. **Revista Aurora**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 01-18, 29 jun. 2017. Faculdade de Filosofia e Ciências. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/7050>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SMALL, Christopher. El musicar: un ritual en el espacio social. **Revista Transcultural de Música**, [s.l.], v. 4, 1999. Disponível em: <https://www.sibetrans.com/trans/articulo/252/el-muscar-un-ritual-en-el-espacio-social>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa?. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 408-424, 1 ago. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9112>. Acesso em: 13 mar. 2022..

SILVEIRA, Suely Teodora da; MARTINS, Priscila; BURITY, Paula Krempel Marques. C. G. Jung e Educação: aproximações e contribuições da tipologia junguiana para o processo educativo. **Pesquisa e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 14, n. 4, p. 01-12, nov./dez. 2019. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3397. Acesso em: 13 mar. 2022.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

WEIK, Christian Alberto. Por entre ritornelos e rizomas: ensaios de um ensino-aprendizagem musical deleuziano. **Epistemus**: Revista de Estudios En Música, Cognición y Cultura, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 028, 11 jul. 2021. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/Epistemus/article/view/11204/11199>. Acesso em: 13 mar. 2022.

APÊNDICE 1 – ARTIGOS LEVANTADOS

Local da busca	Autor(a)	Título	Ano	Periódico	Link
ABEM	Micael Carvalho dos Santos.	A Educação Musical na base nacional comum curricular (BNCC) - Ensino Médio: teias da política educacional curricular pós-golpe 2016 no Brasil	2019	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/799 . Acesso em: 13 mar. 2022.
ABEM	Caroline Silveira Spanavello; Cláudia Ribeiro Bellochio.	Educação Musical nos anos iniciais do Ensino Fundamental: analisando as práticas educativas de professores unidocentes	2005	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/339 . Acesso em: 13 mar. 2022.
ABEM	Nair Pires; Ângela Imaculada Loureiro De Freitas Dalben.	Música nas escolas de educação básica: o estado da arte na produção da Revista da Abem (1992-2011)	2013	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/85 . Acesso em: 13 mar. 2022.
ABEM	José Estevão Moreira.	O que a filosofia da linguagem pode nos ensinar sobre a ideia de linguagem musical e quais as implicações deste diálogo para a educação musical?	2012	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/95 . Acesso em: 13 mar. 2022.
ABEM	João Fortunato Soares de Quadros Júnior; Oswaldo Lorenzo.	Preferência musical e classe social: um estudo com estudantes de ensino médio de Vitória, Espírito Santo	2013	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/70 . Acesso em: 13 mar. 2022.
ABEM e DOAJ	Luís Fernando Lazzarin.	A dimensão multicultural da nova filosofia da Educação Musical	2006	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/319 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Monica Zewe Uriarte; Adair de Aguiar Neitzel.	A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação	2017	Educação Unisinos	http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2017.213.12 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Gustavo Angelo Dias; Helena Jank.	O acompanhamento instrumental segundo Lodovico da Viadana: uma tradução comentada da primeira fonte sobre o baixo contínuo na música sacra	2016	Revista Vortex	http://vortex.unespar.edu.br/dias_jank_v4_n1.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Wladimir F. C. Mattos; Lourival Lourenço Jr..	“Proposição” Impressões sobre o violonismo e a vocalidade em uma canção de Ricardo Tacuchian	2020	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/3995 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Sabrina Souza; Leonardo Loureiro Winter.	A Colaboração Compositor-Intérprete na Reelaboração de Passagens Não-Idiomáticas no Violão	2020	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/3982 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Marlos Vinícius Oliveira Ramos; Jacqueline	A Estratégia Como Prática em Diferentes Ritmos: um Estudo do Strategizing em Bandas Musicais	2020	Revista Eletrônica de Ciência Administrativa	http://www.periodicosibepe.org.br/index.php/recadm/article/view/2819 . Acesso em: 13 mar. 2022.

	Florindo Borges.				
CAPES	Rosedalia Carlos de Oliveira; Helvis Costa; Angelo José Fernandes.	A identificação do mito da sereia a partir da análise do "Lied Der Fischerknabe", de Franz Liszt	2021	Revista Vórtex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/4183 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Cristine Roberta Piassetta Xavier; Joana Paulin Romanowski.	A música e a articulação entre as diferentes linguagens do ensino de arte	2017	Revista da FAEEBA	https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7569 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Davi Donato.	A objetividade da escuta no pensamento musical: uma problematização a partir da fenomenologia	2016	Revista Vortex	http://vortex.unespar.edu.br/donato_v4_n2.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Carlos Renato de Lima Brito; Cristiane Maria Galdino de Almeida.	Aprendizagem de música no cotidiano das organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte	2019	UFPB	https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8407/2/arquivototal.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Andréa Cristina Cirino.	Aprendizagem musical na maturidade: diálogo entre teoria e prática	2015	Per Musi	https://www.scielo.br/j/pm/a/j7w4kh7WpKtpMDNdfjqy-pwt/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Alexandre Siqueira de Freitas.	Avaliar é desvendar metáforas: reflexões sobre avaliação em educação musical	2018	Revista Vortex	http://vortex.unespar.edu.br/freitas_v6_n3.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Joaquim Pintassilgo; Carlos Beato.	Balço da produção recente no campo da História das Disciplinas Escolares: o exemplo das teses de doutoramento	2017	Caderno de História da Educação	http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/38238 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Daniela Weingärtner; Vânia Beatriz Müller.	Coeducação musical e os "encontros de flauta doce" - Um olhar para o musicar da Igreja do Caminho	2019	Revista Vortex	http://vortex.unespar.edu.br/weingartner_muller_v7_n1.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Luciane da Costa Cuervo; Leda de Albuquerque Maffioletti.	Compreensões sobre musicalidade nos cursos de Pedagogia e Música; pistas para diversidade cultural no currículo	2018	Educação Unisinos	http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.221.10/60746124 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Caion Meneguêlo Natal.	Da vanguarda ao folclore: o moderno e o popular em Mário de Andrade	2019	Revista Vortex	http://vortex.unespar.edu.br/natal_v7_n1.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Sonia Regina Albano de Lima.	Dialogando com os ordenamentos brasileiros voltados ao ensino das artes e da música	2017	Revista da FAEEBA	https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7565 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Thel Augusto Monteiro; Eduardo Eugênio Spers; Antonio Carlos Giuliani;	É Possível Segmentar pelo Valor Percebido? Uma Aplicação em Consumidores do Ensino de Música Erudita	2013	REMark	https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/12003 . Acesso em: 13 mar. 2022.

	Nadia Kassouf Pizzinato.				
CAPES	Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti.	Educação Musical e uma nova hierarquia de valores no contexto da pós-modernidade	2014	EccoS – Revista Científica	https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3618 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Silvana Monteiro Gondim.	Educação não formal: campos de atuação	2015	Revista Eccos	https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/5082/2966 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Viviane Klaus.	Empresariamento da educação em tempos de capitalismo flexível; análise de parcerias escola/empresa no RS	2017	Educação Unisinos	http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2017.213.08 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Júlia Guimarães Neves; Veridiana de Lima Gomes Kruger; Lourdes Maria Bragagnolo Frison.	Ensaio sobre o comportamento: entre ciência, filosofia e educação	2019	ETD - Educação Temática Digital	https://periodicos.sbu.unica.mp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8651314 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Ricieri Carlini Zorzal.	Estratégias para o ensino de instrumento musical: bases teóricas e exemplos práticos aplicados ao violão	2020	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/3966 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Gabriel Ferraz.	Heitor Villa-Lobos e Getúlio Vargas: Doutrinando crianças por meio da educação musical	2013	Latin American Music Review	https://muse-jhu-edu.ez74.periodicos.capes.gov.br/article/528506 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Lucas Quinamo Furtado de Mendonça; Danilo Rossetti; Jônatas Manzolli.	Hiperpartitura: análise da rede de processos na criação de Khorwamyalwa, de Mikhail Malt	2021	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/4182 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Maria Isabel Moura Nascimento; Claudia Maria Petchak Zanlorenzi.	Liberalismo e Educação no início do Século XX	2015	Cadernos de história da Educação	http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/33145 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Isabel Porto Nogueira.	Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas	2017	Revista Vortex	http://vortex.unespar.edu.br/nogueira_v5_n2.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Gustavo Rodrigues Penha.	Música e a produção de afetos	2019	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2685 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Gustavo Dias.	O acompanhamento instrumental segundo Lodovico da Viadana: uma tradução comentada da primeira fonte sobre o baixo contínuo na música sacra	2016	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/983 . Acesso em: 13 mar. 2022.

CAPES	Laila Rosa Isabel Nogueira.	O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música	2015	Revista Vórtex	http://vortex.unespar.edu.br/ rosa_nogueira_v3_n2.pdf . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Alexandre Ferreira.	Os discursos do Fado: da subalternidade à elitização	2021	Revista Vortex	http://periodicos.unespar.edu u.br/index.php/vortex/article /view/4184 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Marlécio Maknamara; Marlucy Alves Paraíso.	Pesquisas pós-críticas em Educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso	2013	Revista da FAEEBA	https://revistas.uneb.br/inde x.php/faeeba/article/view/74 37 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Paulo Constantino.	Por uma história da apreciação musical na escola brasileira: as ideias dispostas nos manuais didáticos do canto orfeônico	2018	Revista Ibero- Americana de Estudos em Educação	https://periodicos.fclar.unes p.br/iberoamericana/article/ view/10087/7697 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES	Bibiana Bragagnolo.	Práticas de desclassificação na performance musical: perspectivas emancipatórias para a Pesquisa Artística	2021	Revista Vórtex	http://periodicos.unespar.edu u.br/index.php/vortex/article /view/4168 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Renan Santiago de Sousa; Ana Ivenicki.	Cultura, currículo e identidade (cultural): conceitos-base para uma educação musical multicultural	2018	OuvirOUver	http://www.seer.ufu.br/inde x.php/ouvirouver/article/vie w/41929 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Alan Barcelos Ribeiro; Carlos Betlinski.	Educação da audição e valores estéticos na filosofia da nova música de Theodor Adorno	2020	Devir Educação	http://devireducacao.ded.ufl a.br/index.php/DEVIR/articl e/view/236 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Denise Andrade de Freitas Martins; Priscila Queiroz Messias Affiliations.	Motricidade humana na educação musical	2018	UFRGS	http://www.seer.ufu.br/inde x.php/ouvirouver/article/vie w/39892/22517 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Daniel Vieira.	Para o princípio do ‘cuidado de si’ na práxis musical do pesquisador: a filosofia de uma metodologia	2018	DAPesquisa	https://www.revistas.udesc. br/index.php/dapesquisa/arti cle/view/13966 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Sandra Rúbia Silva.	Performances de masculinidade, práticas de subversão: o consumo de telefones celulares entre jovens de camadas populares	2013	Comunicação Mídia e Consumo	http://revistacmc.espm.br/in dex.php/revistacmc/article/v iew/344 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Danilo Ramos; Anderson Toni.	Reflexões curriculares sobre perfil e demandas dos estudantes de música da UFPR	2018	Revista Vórtex	http://periodicos.unespar.edu u.br/index.php/vortex/article /view/2635 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Fernanda Nicaretta; Inês Hennigen.	"Manda Nude": jogos de saber- poder e produção de subjetividade	2019	UFRGS	https://seer.ufrgs.br/PolisePs ique/article/view/78015 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Raymond S. Sayers; Marcelo Diego.	A caminho de Bayreuth: a música na obra de Machado de Assis	2019	Machado de Assis em Linha	https://www.scielo.br/j/mael /a/j5RvsLRQHbHNDT8TY FVcFph/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.

DOAJ	Anderson Ferrari.	A cidade e o conservatório na construção de sujeitos	2018	Educação em Foco	https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19892 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Adriano Bueno Kurlle.	A historicidade da música em Hegel diante da música dodecafônica de Schoenberg	2019	Meritas	https://revistaseletronicas.pucre.br/ojs/index.php/veritas/article/view/33169/18741 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Merielle Camilo; Marcos Cesar Danhoni Neves; Belmiro Marcos Beloni; Alessandra Dutra.	A música enquanto instrumento de abordagem do pensamento filosófico: uma experiência de trabalho em Adorno, Horkheimer e Arendt com adolescentes	2021	Revisita Prática Docente	http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/984 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Rogério Amador de Melo; Fernando Silva Teixeira-Filho.	Acontecimentos e acasos: desejos infames – tomada um... ação	2018	Revista Athenea Digital	https://atheneadigital.net/article/view/v18-n3-melo-teixeira . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	João Carlos Biella; Sandra Helena Borges.	Animação de poemas musicados com a utilização da ferramenta MUAN (Manipulador Universal de Animações)	2015	Fronteira Z	https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/23035 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Geraldo Aparecido Ferreira; Leonardo Carrijo Ferreira.	Arte e subjetividade: a constituição do sujeito	2017	Revista Psicologia e Saúde em Debate	http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/212 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Wesley Thales de Almeida Rocha.	As agonias do poema a confusão de estilemas da arte moderna na poética de Murilo Mendes	2019	Remate em Males	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8654002 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Ney Costa Santos.	As noites e a estrada do sol	2018	Alceu	http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/106 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Gessica Carneiro da Rosa; Vilene Moehlecke.	Clínica, Música e Tempo: Agenciamentos Possíveis para uma Experiência Afetiva	2019	UFRGS	https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/76348 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Pedro Souza.	Elementos para a escuta e análise do jogo da voz no simbólico	2015	REFLEXÃO & AÇÃO	https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/5640 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Katharina Döring.	Estética e filosofia das artes musicais africanas na perspectiva da educação musical na América Latina	2018	Orfeu	https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018136 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Tristan Guillermo Torriani.	Magia externa e interna em A flauta mágica de W. A. Mozart e E. Schikaneder	2017	Arte e Filosofia	https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/757 . Acesso em: 13 mar. 2022.

DOAJ	Marcos Vinicius Ferreira da Silva; Leila Adriana Baptaglin.	Migrantes em boa vista: subjetividade da música gaúcha presente nas manifestações juninas boa-vistense	2017	Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação	https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4442 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Fernando Garbini Cespedes.	Música das Cidades: O Surgimento da Canção Popular Moderna como Forma de Representação do Indivíduo	2018	Impactum Joirns	https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_5_6 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Leanderson Luiz de Sá.	Música e desejo: os músicos de rua e bares e a produção de singularidades	2017	Pretexto	http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15253 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Luciana Xavier de Oliveira.	Negro é lindo: estética, identidade e políticas de estilo	2018	Mídia & Codidiano	https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/26928 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Regina Rocha.	O barbeiro de Sevilha	2018	Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação	https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/148722 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Marilene Pereira de Oliveira.	O gozo na aprendizagem da língua inglesa	2015	Calidoscopio	http://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.132.12 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Simone Nogueira Rasslan; Rosa Maria Bueno Fischer.	O Sujeito-Ator, sua Voz e a Relação com a Figura Materna	2018	UFRGS	https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/55221/35732 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Regina Gloria Nunes Andrade.	O trabalho de arte e de grupos com jovens no Centro Cultural Cartola - comunidade da Mangueira RJ	2012	Perspectivas online: humanas e sociais aplicadas	https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/66 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Emílio Maciel.	Pasini, Leandro. A apreensão do desconcerto: subjetividade e nação na poesia de Mário de Andrade.	2015	Remate de Males	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8641516 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Pedro Dolabela Chagas.	Política e produção de subjetividades: música e literatura	2011	Gragoatá	https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33060 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Christian Alberto Weik.	Por entre ritornelos e rizomas	2021	Epistemus	https://revistas.unlp.edu.ar/Epistemus/article/view/11204 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Lucielle Arantes Farias.	Por uma Didática Desenvolvimental da subjetividade no ensino de Música na escola	2018	Obutchenie	http://www.seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/46483 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Gabriel Passold.	Rap e política: um debate teórico-metodológico	2018	UFSC	https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2018.e40825 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Christian Muleka Mwewa.	Samba e autoconservação: possibilidades para a sala de aula	2011	Imagens Da Educação	https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/13377 . Acesso em: 13 mar. 2022.

DOAJ	Letícia Grala Dias.	Sobre rasteira e world music: música e relações de gênero em Florianópolis	2019	Revista Dapesquisa	https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/16647 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Pedro de Souza.	Sonoridades vocais: narrar a voz no campo da canção popular	2011	Outra Travessia	https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2011n11p99 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Alice Casanova dos Reis.	Subjetividade e experiência do corpo na Biodança	2013	Estuds e Pesquisas em Psicologia	https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8608 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Maristela Rossato; Wilsa Maria Ramos; Diva Maria Albuquerque Maciel.	Subjetividade e interação nos fóruns online: reflexões sobre a permanência em Educação a distância	2013	Reflexão e Ação	https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3740 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Andréia Marin; Marcos Câmara de Castro.	Vagando na noite: encontros entre filosofia, educação e música, ao “som” de Derrida e Debussy	2019	Reveduc	http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3352 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ e Scielo	Fabio Vizeu; Édna Regina Cicmanec	A música que encanta, o discurso que aprisiona: a distorção comunicativa em uma loja de departamentos	2013	CADERNOS EBAPE.BR (MAR 2013)	https://www.scielo.br/j/ceba/pe/a/HQz4X7WT5GJKTqJ5CKmRfjh/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ e Scielo	Rodrigo C. T. Cavalcanti; André L. M. Souza-Leão; Bruno M. Moura.	Hipsters versus posers: ruptura fânica no mundo da música indie	2021	RAM. Revista de Administração Mackenzie	https://www.scielo.br/j/ram/a/ykvGt4VFWnkywmcSC3t6cJS/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	César Albino; Sônia Albano de Lima.	A aplicação da teoria da aprendizagem significativa de Ausubel na prática improvisatória	2008	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/248 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Rejane Harder.	Algumas considerações a respeito do ensino de instrumento: Trajetória e realidade	2008	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/240 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Silvio Augusto Merhy.	Arte musical e pesquisa historiográfica: Uma reflexão tensa de Carl Dahlhaus em Foundations of Music History	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/290 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	José Luiz Martinez.	Brasilidade e semiose musical	2006	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/317 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Rita de Cássia Fucci Amato.	Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na Educação Básica brasileira	2006	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/319 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Rita de Cássia Fucci Amato.	Capital cultural versus dom inato: questionando sociologicamente a trajetória musical de	2008	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/319

		compositores e intérpretes brasileiros			le/view/237 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Delmary Vasconcelos de Abreu.	Compreender a profissionalização de professores de música: contribuições de abordagens biográfica	2011	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/205 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Hermes Soares dos Santos; Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira; Claudia Regina de Oliveira Zanini.	Contribuições da musicoterapia para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social	2011	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/206 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Amanda A. Goes.	Corpo percussivo e som em movimento: a prática da música corporal	2015	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/54 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Teresa Mateiro.	Do tocar ao ensinar: o caminho da escolha	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/309 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Claudia Helena Alvarenga; Tarso Bonilha Mazzotti.	Educação musical e legislação: reflexões acerca do veto à formação específica na Lei 11.769/2008	2011	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/210 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Jáderson Aguiar Teixeira.	Estudos preliminares sobre as negociações sociológicas determinantes do perceber musical brasileiro: buscando uma epistemologia alternativa para a disciplina de Percepção Musical	2009	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/255 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Rita de Cássia Fucci Amato.	Interdisciplinaridade, música e educação musical	2010	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/224 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Liliam Barros; Maura Imazio da Silveira; Rafael Severiano; Lohana Sobania Gomes; Sidney Mayonn.	Música ameríndia no Brasil pré-colonial: uma aproximação com os casos dos Tupinambá e Tapajó	2015	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/272 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Henrique Pereira Rocha; Iranilson Buriti de Oliveira; José Clerton de Oliveira Martins.	Música e poesia do ser(tão) nordestino de Patativa do Assaré	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/302 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Rita de Cássia Fucci Amato.	Música e políticas socioculturais: a contribuição do canto coral para a inclusão social	2009	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/264 . Acesso em: 13 mar. 2022.

OPUS	Ana Carolina Nunes do Couto; Israel Rodrigues Souza Santos.	Música popular e aprendizagem: algumas considerações	2009	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/256 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Rita Fucci Amato.	O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/295 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Marcos dos Santos Moreira.	O método Da Capo na aprendizagem inicial da Filarmônica do Divino, Sergipe	2009	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/266 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Sonia Albano de Lima; Alexandre Cintra Leite Rüger.	O trabalho corporal nos processos de sensibilização musical	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/296 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Igor Reis Reyner.	Pierre Schaeffer e sua teoria da escuta	2011	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/202 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Ana Carolina Nunes do Couto; Israel Rodrigues Souza Santos.	Por que vamos ensinar música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da educação musical escolar	2009	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/265 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	André Luiz Gonçalves de Oliveira; Rael Bertarelli Gimenes Toffolo.	Princípios de fenomenologia para a composição de paisagens sonoras	2008	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/238 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Frank Michael Carlos Kuehn.	Quanto tempo dura o presente? O tempo como categoria filosófica e teórica da interpretação musical	2010	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/216 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Isabel Porto Nogueira; Jonas Klug da Silveira.	Reflexões interdisciplinares a partir de A Arte do Canto, manuscrito inédito do barítono gaúcho Andino Abreu	2011	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/208 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Marcia Kazue Kodama Higuchi; João Pereira Leite.	Rigidez métrica e expressividade na interpretação musical: uma teoria neuropsicológica	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/310 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Daniel Gohn.	Tecnofobia na música e na educação: origens e justificativas	2007	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/308 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS	Heitor Martins Oliveira.	Teoria, análise e nova musicologia: debates e perspectivas	2008	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/247 . Acesso em: 13 mar. 2022.

OPUS e DOAJ	Thiago Xavier de Abreu; Newton Duarte.	Contribuições e limites da filosofia clássica grega para a música e a educação musical na atualidade: a música como mimese da realidade objetiva	2021	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/opus2021a2702 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS e DOAJ	Rita Helena Sousa Ferreira Gomes.	Convite à perversão	2015	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/artic le/view/55 . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Rodrigo César Tavares Cavalcanti; André Luiz Maranhão de Souza-Leão; Bruno Melo Moura.	Afirmção Fânica: Aleturgia em um Fandom de Música Indie	2021	Revista de Administração Contemporânea	https://www.scielo.br/j/rac/a/NwFGq8rxhcFJ8RTVkJMrByQR/?lang=pt#:~:text=Conclus%C3%A3o%3A,te%C3%B3rica%20no%20campo%20da%20CCT. Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Ernani Cesar de Freitas; Débora Facin.	Análise enunciativa de Canto para minha morte, de Raul Seixas	2012	Linguagem em Discurso	https://www.scielo.br/j/ld/a/hK6ssQHvVhZdKLmtwscYnMk/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Andressa Dias Arndt; Katia Maheirie.	Musicoterapia social e comunitária e processos de subjetivação política	2021	Psicologia e Sociedade	https://www.scielo.br/j/psoc/a/6bDmzSSrLk39xWGd7VHMZYz/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Alvaro Neder.	O coletivo anônimo e a trama dos gêneros: subjetivações plurais e intertextualidade no Brasil dos anos 1960	2014	Per Musi	https://www.scielo.br/j/pm/a/V33Dvf5zJqYzf6Tp54SrD9q/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Anderson Costa; Lucas Barreto Catalan.	O emergir da música popular e suas interfaces com a indústria fonográfica	2019	Caderno CRH	https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/32241 . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Margarete Arroyo.	Pensando a educação musical imaginativamente: uma filosofia da educação musical por Estelle Ruth Jorgensen	2013	Per Musi	https://www.scielo.br/j/pm/a/5smHsnDVZqZsFgLT9Gtj8s/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Dionasson Altivo Marques; Marcelo da Silva Alves; Fábio da Costa Carbogim; Divane de Vargas; Graziela Lonardoni de Paula; Carlos Podalirio Borges de Almeida.	Percepção da equipe multiprofissional sobre oficina terapêutica de música desenvolvida pelo enfermeiro	2020	Revista Brasileira de Enfermagem	https://www.scielo.br/j/reben/a/5hLjMcgkWPzDhXjy5YvKpvc/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Alvaro Neder.	Um homem pra chamar de seu": discurso musical e construção de gênero	2013	Per Musi	https://www.scielo.br/j/pm/a/4vvws4qpbYcpJcXpJRfwrBN/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
SciELO Educ@	Eduardo Guedes Pacheco.	Inventário de uma (des)educação musical.	2014	Reflexão e Ação	https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view

					/4365 . Acesso em: 13 mar. 2022.
SciELO Educ@	Juliana Ribeiro de Vargas; Rodrigo Saballa de Carvalho.	O funk ostentação como pedagogia cultural: música, consumo e a produção de subjetividades femininas na escola	2016	Reflexão e Ação	https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7021 . Acesso em: 13 mar. 2022.
SciELO Educ@	Luís Fernando Lazzarin.	Por uma Crítica à Nova Filosofia da Educação Musical	2005	Educação e Realidade	https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/23018 . Acesso em: 13 mar. 2022.
SciELO Educ@	Andréia Marin; Marcos Câmara de Castro.	Vagando na noite: encontros entre filosofia, educação e música, ao “som” de Derrida e Debussy	2019	Reveduc	http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3352 . Acesso em: 13 mar. 2022.

APÊNDICE 2 – PRIMEIRA FILTRAGEM

Local da busca	Autor(a)	Título	Ano	Periódico	Link
DOAJ	Christian Alberto Weik.	Por entre ritornelos e rizomas	2021	Epistemus	https://revistas.unlp.edu.ar/Epistemus/article/view/11204 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPEL	Monica Zewe Uriarte; Adair de Aguiar Neitzel.	A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação	2017	Educação Unisinos	http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2017.213.12 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Gessica Carneiro da Rosa; Vilene Moehlecke.	Clínica, Música e Tempo: Agenciamentos Possíveis para uma Experiência Afetiva	2019	UFRGS	https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/76348 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Pedro Dolabela Chagas.	Política e produção de subjetividades: música e literatura	2011	Gragoatá	https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33060 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Simone Nogueira Rasslan; Rosa Maria Bueno Fischer.	O Sujeito-Ator, sua Voz e a Relação com a Figura Materna	2018	UFRGS	https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/55221/35732 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPEL	Marlécio Maknamara; Marlucy Alves Paraíso.	Pesquisas pós-críticas em Educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso	2013	Revista da FAEBA	https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/7437 . Acesso em: 13 mar. 2022.
ABEM e DOAJ	Luís Fernando Lazzarin.	A dimensão multicultural da nova filosofia da Educação Musical	2006	ABEM	http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/319 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS e DOAJ	Thiago Xavier de Abreu; Newton Duarte.	Contribuições e limites da filosofia clássica grega para a música e a educação musical na atualidade: a música como mimese da realidade objetiva	2021	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2021a2702 . Acesso em: 13 mar. 2022.
OPUS e DOAJ	Rita Helena Sousa Ferreira Gomes.	Convite à perversão	2015	Opus	https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/55 . Acesso em: 13 mar. 2022.
Scielo	Andressa Dias Arndt; Katia Maheirie.	Musicoterapia social e comunitária e processos de subjetivação política	2021	Psicologia e Sociedade	https://www.scielo.br/j/psoc/a/6bDmzSSrLk39xWGd7VHMZYz/?lang=pt . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Regina Gloria Nunes Andrade.	O trabalho de arte e de grupos com jovens no Centro Cultural Cartola - comunidade da Mangueira RJ	2012	Perspectivas online: humanas e sociais aplicadas	https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/66 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Leanderson Luiz de Sá.	Música e desejo: os músicos de rua e bares e a produção de singularidades	2017	Pretexto	http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15253 . Acesso em: 13 mar. 2022.

DOAJ	Maristela Rossato; Wilsa Maria Ramos; Diva Maria Albuquerque Maciel.	Subjetividade e interação nos fóruns online: reflexões sobre a permanência em Educação a distância	2013	Reflexão e Ação	https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3740 . Acesso em: 13 mar. 2022.
DOAJ	Lucielle Arantes Farias.	Por uma Didática Desenvolvimental da subjetividade no ensino de Música na escola	2018	Obutchenie	http://www.seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/46483 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Denise Andrade de Freitas Martins; Priscila Queiroz Messias Affiliations.	Motricidade humana na educação musical	2018	UFRGS	http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/39892/22517 . Acesso em: 13 mar. 2022.
CAPES e DOAJ	Renan Santiago de Sousa; Ana Ivenicki.	Cultura, currículo e identidade (cultural): conceitos-base para uma educação musical multicultural	2018	OuvirOUver	http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/41929 . Acesso em: 13 mar. 2022.